

# Le Musée

REVISTA DO MUSEU DOS CAPUCHINHOS

## RE-LIGARE

religiosidade, contestação  
e arte no MusCap



### *laudato sii...*

exposição mostra a relação  
entre Capuchinhos e música

### *conservação*

especialistas falam sobre  
os desafios da atividade

Informação e Música



Na Tua Frequência

 [tuaradio.com.br](http://tuaradio.com.br)

   [maisnovafm](https://www.maisnova.com.br)

[www.maisnova.com.br](http://www.maisnova.com.br)

VOCÊ CURTE



**maisnova**  
+música +digital +você



CANTINA  
DOS FRADES  
• vinhos • presentes •

*Venha conhecer  
as delícias  
do nosso café  
em meio a adega!*

- Produtos coloniais
- Delicatesen
- Cereais, grãos e especiarias
- Vinhos e presentes.



Av General Sampaio - nº 161

Fone: 3226.1008

B. Rio Branco

# SUMÁRIO

## ENTREVISTA



**10** *Magaly Oberlaender*  
especialista em conservação  
e restauro

## ARTIGOS

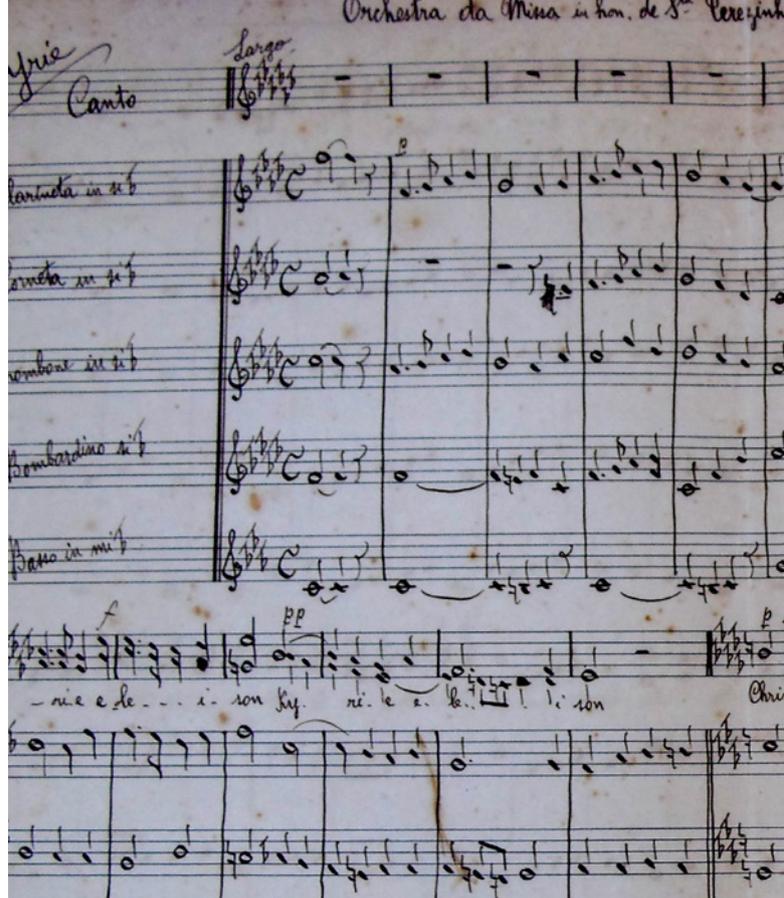
**5** *Conservador restaurador:*  
a profissão de diversos aprendizados

**7** *Imunização de acervos:*  
danos causados por fofina

**22** *Capuchinhos e poloneses:*  
a manutenção da polonidade no RS

## AÇÕES

*O MusCap na comunidade* **30**



## ESPECIAL

*Laudato Sii...*

assim cantam os Capuchinhos

**17**

## ESPECIAL

*Exposição RE-LIGARE*

**19**



# EXPEDIENTE

## ***Le Musée***

Revista Anual do Museu dos Capuchinhos  
do Rio Grande do Sul  
Ano 4 – Nº 4 – 2018

Editor: Moacir P. Molon – Mtb3781

Textos: Daniela Basso

Supervisão e colaboração: Celso Bordignon,  
Susiele A. Ramos, Raquel Brambilla

Fotos: Acervo Museu dos Capuchinhos, Daniela  
Basso, Gabriel Radaelli, Moacir P. Molon, Magaly  
Oberlaender

Foto de capa: São Francisco em cerâmica  
terracota. Integrou a exposição *RE-LIGARE*

Foto: Susiele A. Ramos

Diagramação: Gabriel Radaelli

Impressão e acabamento: Editora São Miguel

Tiragem: 1000 exemplares

*É proibida a reprodução total ou parcial do  
conteúdo sem autorização prévia dos editores.*

---

## ***Museu dos Capuchinhos***

Diretor: Celso Bordignon

Coordenação: Raquel Brambilla (Museóloga  
COREM 3R 0188-I)

Rua General Mallet, 33A – B. Rio Branco  
Caxias do Sul/RS - CEP: 98097-000

Telefone: (54) 3220-9565

[www.capuchinhos.org.br/muscap](http://www.capuchinhos.org.br/muscap)

[coordenacao@muscap.org.br](mailto:coordenacao@muscap.org.br)

[facebook.com/museudoscapuchinhos](https://facebook.com/museudoscapuchinhos)

Instagram: @muscaprs

---

Ministro Provincial: Frei Nilmar Carlos Gatto

Conselheiros Provinciais: Freis Eudes Angelo  
Capellari, Miguel Debiasi, Lorí Antônio Vergani e  
Claudelino Brustolin

Av. Alexandre Rizzo, 534C – Bairro: Desvio Rizzo  
CEP: 95110-000 – Caxias do Sul/RS

Telefone: (54) 3220-3270

[ofmcaprs@ascap.org.br](mailto:ofmcaprs@ascap.org.br)

[www.capuchinhosrs.org.br](http://www.capuchinhosrs.org.br)

## EDITORIAL

# MUSEU, LUGAR DE EXPERIÊNCIAS E CONHECIMENTO

O MusCap apresenta aos leitores e amigos o nº 4 de *Le Musée*. Um dos enfoques é a missão dos museus e a preocupação dos capuchinhos do Brasil com o patrimônio histórico. No decorrer de 2018 aconteceu o VII encontro de formação da Comissão de Patrimônio e Bens Culturais dos Capuchinhos do Brasil. Na oportunidade, também foi analisada a dimensão pastoral dos museus como instrumentos de evangelização. Entraram em foco o potencial e os desafios dos museus religiosos, refletindo alguns conceitos acerca da museologia e da presença do sagrado nos museus. O palestrante frei Roger Brunorio OFM fez este crucial questionamento: “os museus produzem conhecimento ou só exibem objetos antigos?” E sugeriu que os nossos espaços deixem de ser apenas “depósitos de memória”.

Destaque desta edição é, também, a entrevista com a museóloga Magaly Oberlaender, do Rio de Janeiro. Ela revela seu especial interesse pelo universo da cultura religiosa, iconografia e iconologia. É nesse contexto que sintetiza de maneira brilhante a presença franciscana e capuchinha no Brasil e suas contribuições à historiografia, botânica, política, arquitetura e construção e decoração de igrejas e conventos. Ao falar do patrimônio cultural e arquitetônico e sua preservação, refere que “a maior problemática está na ausência de educação patrimonial, em seu sentido mais amplo, o que está nos levando a perder nossas referências culturais, não somente ligadas ao país, mas à Igreja e, conseqüentemente, à nossa civilização”. A saída “será a conscientização que se dará através de um conhecimento maior desses bens e sua responsabilidade sobre eles”.

Entre os destaques das atividades do MusCap em 2018 está a mostra *RE-LIGARE*, com obras dos artistas caxienses Daniela Antunes e Rafael Dambros expostas de junho a setembro. Esculturas, pinturas e desenhos “objetivaram mostrar a fragilidade humana diante da fé” e “questões relacionadas à religiosidade, sincretismo e contestação. O corpo é uma metáfora para abordar questões que normalmente são consideradas tabu”.

Boa leitura.

*Moacir P. Molon | OFM Cap  
Editor da Le Musée*

# CONSERVADOR RESTAURADOR

*a profissão de diversos aprendizados*

Juliane Petry Panozzo Cescon

Professora de Conservação e Restauro do Centro Universitário da Serra Gaúcha, Caxias do Sul/RS; restauradora formada pelo Palazzio Spinelli, Florença, Itália; Mestre em Desenho Cultural e Interatividade pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana/BA e Doutoranda em Memória Social e Bens Culturais da Universidade LaSalle, Canoas/RS.



Para compreender a profissão de conservador restaurador parte-se dos conceitos sugeridos na conferência de Delgado Rodrigues (2007), sustentando que o “restauro é uma atividade que tem como objetivo a transmissão para o futuro de um bem cultural”, a fim de manter a sua existência e “assegurar a sua fruição”, sempre tendo como princípio o “respeito pela sua identidade específica (soma da sua originalidade mais integridade), dentro de um projecto multidisciplinar de conservação”. Completa ainda, referindo-se ao professor Giorgio Bonsanti e a um seminário do ICCROM\*:

*“O restauro consiste numa operação material que requer um treino profissional específico, a obter através de um processo de formação dedicado, de modo a fornecer capacidades adequadas, quer de programação, quer de realização manual de uma intervenção (Giorgio Bonsanti). Por sua vez, de um seminário do ICCROM definição para ‘conservation scientist’: Um ‘conservation scientist’, hoje, pode ser definido como um cientista com um grau numa disciplina das ciências naturais, da física e/ou das ciências aplicadas, com conhecimentos adicionais em conservação (ética, valores culturais ...) que o habilitam a contribuir para o estudo e conservação do património cultural, integrado numa equipa pluridisciplinar.”*

A profissão de conservador restaurador envolve o estudo de diversas áreas do conhecimento, tais como: arte, cultura, história, química, microbiologia

e memória. Essa formação acontece em ambientes acadêmicos ou em escolas especializadas para que sejam realizadas pesquisas científicas e o trabalho constante de aprimoramento. Essa é uma condição para abolir testes desnecessários que muitas vezes causam mais prejuízo do que benefício ao objeto. Inclui-se também a importância do tempo de prática na profissão, formando um conjunto que oferece suporte na assertividade das intervenções.

Não existe uma “fórmula mágica” para que a conservação e restauro possua um resultado adequado. Cada peça é única e, em alguns pontos, mesmo em um único objeto são realizados procedimentos diferentes, pois podem abrigar patologias e reações muito distintas. O objeto pode ser comparado a um organismo complexo, pois cada parte reage diferente ao tratamento. Nessa comparação, as atividades do conservador restaurador estão próximas à área da saúde, guardadas as proporções, pois um profissional da saúde trabalha com vidas, e aqui, com preservação e manutenção de objetos que guardam consigo memórias... memórias de uma pessoa, memórias de um lugar ou mesmo memórias da humanidade.

O profissional conservador restaurador se utiliza de um vocabulário e de instrumentos da área médica em seu fazer, como: diagnóstico, exames laboratoriais, protocolos, suturas, enxertos, obturações, próteses, entre tantos outros; manuseia pinças, bisturis e agulhas; avalia se a peça deve ou não ser restaurada. Além da vocação e do conhe-

cimento, esse profissional deve ter muito respeito, responsabilidade e ética. Muito além da materialidade do objeto, ele está rodeado de memórias e sentimentos do outro, sendo essencial a empatia no tratamento com as pessoas envolvidas no processo.

Pesquisar sobre o objeto faz parte da atividade para conhecer o máximo possível sobre a história que o artefato veicula. Essa pesquisa auxilia a contextualizar e identificar o seu percurso. Conhecer e estudar os materiais utilizados de sua construção/feitura é importante para definir os exames e produtos a serem utilizados, sem causar danos à estrutura e sua integridade física. Também é importante a valorização de um trabalho em equipe multidisciplinar: profissionais da biologia e historiadores agregam conhecimento específico e metodológico ao processo.

A receita que tantos buscam para realizar o trabalho de conservação e restauro pode ser essa: ética, que auxilia a manter retidão e coerência para discernir até onde é possível e realmente prudente intervir. Através dos questionamentos éticos, realizados durante o processo, que se diferencia o procedimento de restauro de uma reforma, revitalização, ou mesmo da produção de um falso histórico e, para evitar este, a distinguibilidade entre o que é antigo e novo é essencial; o registro de todas as fases, através de fotografias e relatório, dá transparência às etapas realizadas; mínima intervenção é o princípio básico do restauro que resguarda e preserva o máximo possível do que há de original no objeto; uso de materiais de restauro reversíveis permitem que, em tempo futuro, outros restauradores possam continuar a conservar e interferir, utilizando antigas e novas práticas da atividade; e a utilização de equipamentos de proteção individual (EPI) que proporciona segurança para o profissional e para evitar que o objeto que está sendo manuseado entre e contato com novas sujidades.

Através da conservação e restauro dos objetos do passado, reconstrói-se e ativa-se novamente a memória e a história das pessoas. Segundo Cesare Brandi (2004, p 30): “O restauro constitui o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física e na sua dupla polaridade estética e histórica, com vistas a sua transmissão ao futuro”. Pode-se ir além de ser um conhecimento de aplicação de técnicas e afirmar que essa atividade produz conhecimento científico intelectual.

A receita que tantos buscam para realizar o trabalho de conservação e restauro pode ser essa: ética, que auxilia a manter retidão e coerência para discernir até onde é possível e realmente prudente intervir.

\*International Centre for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property - Centro Internacional para estudos de preservação de propriedade cultural (Tradução Livre).

## REFERÊNCIAS

BRANDI, Cesare. Teoria da restauração. Cotia: Ateliê, 2004.

DELGADO RODRIGUES, J. (2007), Tópicos de aula “Ciência e prática em conservação e restauro” proferida por J. Delgado Rodrigues, do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, no 6º Curso de Mestrado em reabilitação de Arquitectura e Núcleos Urbanos –6MRANU-FAUTL, Lisboa, FAUL 2007. Disponível em <<http://icomos.fa.utl.pt/documentos/seminario-brandi/DELGADO.pdf>>. Acesso em 03/07/2018.

## DANOS CAUSADOS NA IMUNIZAÇÃO DE ACERVOS COM APLICAÇÃO DE FOSFINA

Marlise Eberle Costella  
Tecnóloga em Conservação  
e Restauro pelo Centro  
Universitário da Serra Gaúcha



No Brasil existem mais de 2 mil espécies de cupins (térmitas), no entanto só uma pequena parte causa danos aos artefatos do patrimônio. Conforme pesquisa de Beck para o Manual de higienização e controle de pragas em acervos arquivísticos e bibliográficos (2014, p. 40), térmitas são insetos sociais de castas diferentes (rei e rainha, soldados, operários e reprodutores) e os danos provocados por eles são sempre de grandes proporções. Atuam ao mesmo tempo e no mesmo local, tornando seu extermínio mais fácil, diferentemente das brocas, que são insetos da ordem coleóptera e não sociais. De difícil controle, seu ataque se dá de forma aleatória e em pontos distintos, portanto não resolverá tratar um objeto de madeira infestado se existirem outros no mesmo ambiente.

As instituições museológicas sempre buscaram por alternativas de expurgo, visando o extermínio desses insetos xilófagos como forma de proteger seus acervos, no entanto essas ações nem sempre tiveram o resultado esperado e, com o passar dos anos e o surgimento dos inseticidas e gases, um resultado mais eficaz pode ser presenciado na eliminação dos mesmos. Contudo, para Schäfer (2002) professor responsável pelo Departamento de Conservação e Restauro da Universidade Nova de Lisboa, tais produtos não conseguiam atingir todos os estágios evolutivos dos insetos, restando ainda resquícios dos ovos e de seu estado larval, deixando dessa forma, de serem totalmente eficazes. De acordo com Schäfer (2002, p. 1), a gravidade dos danos que esses produtos provocavam aos acervos tornou-se preocupante por penetrarem nas fibras da madeira e seus agentes químicos, além de outros suportes como o papel, o pergaminho, o couro e os metais nobres, provocando assim, alterações que agem de diferentes formas e em períodos distintos, sendo que em alguns casos combinados à atmosfera do ambiente tendem a acelerar esses danos.

Beck (2014, p. 45) dispõe que esses produtos tóxicos na forma de gases e particulados, no Brasil, fo-



Imagem de Maria Menina antes, durante e após o processo de imunização (acima, ao centro e abaixo, respectivamente).

ram amplamente utilizados até a década de 1980 em instituições museológicas e particulares. Mesmo com a proibição de sua comercialização no ano de 1985, compostos semelhantes continuaram a ser vendidos, esses, classificados pela Anvisa de toxidez máxima (classe 1). Causavam graves riscos a saúde humana, ao meio ambiente e a camada de ozônio, motivo pelo qual em 1992 entraram na lista dos produtos proibidos.

Segundo o Manual de Higienização e Controle de Pragas em Acervos Arquivísticos e Bibliográficos (Beck, 2014, p. 45-46) entre os produtos proibidos que estão na lista da Anvisa classificados de grau 1, está a fosfina ou fosfeto de alumínio (chamado de gás Toxin, ou brometo de metila), com venda proibida pela legislação brasileira para área sanitária, doméstica e pública. Para a empresa produtora de gases especiais, medicinais e industriais, Gama Gases, sua aplicação se dá em forma de pastilha, com odor característico de peixe em decomposição e é um produto muito utilizado ainda em silos de sementes para o controle de insetos e pragas. Sua aplicação exige uma série de medidas protetivas por tratar-se de um gás com alta capacidade de expansão, inflamável e sujeito a combustão espontânea quando entra em contato com o ar. Os sintomas do envenenamento por fosfina são graves, causando fraqueza, apatia, náuseas, vômitos, dispnéia, queda da pressão sanguínea, variação da pulsação, diarreia, sede intensa, pressão na caixa torácica, convulsões, paralisia, coma e morte.

O local em que o produto é aplicado também deve seguir as medidas de segurança, avaliando o estado de conservação, desde pisos, paredes, saídas de água, esgoto, dutos de ventilação, fiação elétrica, até interruptores, a fim de evitar qualquer vazamento.

Embora proibida sua aplicação, muitos artefatos culturais ainda são submetidos à fosfina, provocando na maioria dos casos oxidação e corrosão grave, além de mudanças físico-químicas de certos pigmentos, como amarelecimento, escurecimento e resíduos reativos. Tendo em vista a gravidade dos danos e perdas que o gás fosfina causa aos materiais originais dos artefatos museológicos que foram submetidos ao produto, é imprescindível o acompanhamento periódico, juntamente com a higienização, a fim de diminuir a degradação. Outra preocupação está em descobrir a profundidade desses danos, já que materiais ferrosos são encontrados na composição de alguns suportes e nas

Os sintomas do envenenamento por fosfina são: fraqueza, apatia, náuseas, vômitos, dispnéia, queda da pressão sanguínea, variação da pulsação, diarreia, sede intensa, pressão na caixa torácica, convulsões, paralisia, coma e morte.

camadas pictóricas, como também em diversos ornamentos dourados, prateados, latão entre outros.

Na instituição museológica MusCap (Museus dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul) localizado em Caxias do Sul/RS, em abril de 2016 parte do acervo foi submetido à imunização por fosfina, com objetivo de eliminar insetos xilófagos presentes nos artefatos. Após o tratamento, observou-se a ação da corrosão e da oxidação em algumas das peças tratadas.

Posterior à imunização foi realizada a higienização desses acervos, com uma solução de água e detergente neutro, aplicados com swab. Durante esse processo a oxidação foi levemente removida.

No suporte mais poroso como gesso, a oxidação atingiu não somente o material ferroso dos ornamentos, como também a camada pictórica, base de preparação e suporte. Na madeira a fosfina aplicada resultou em mudanças de coloração nos douramentos, o que se supõe que a ação residual da fumigação continua agindo.

A preocupação da instituição no momento é tentar minimizar o efeito da fosfina no acervo afetado, visando manter sua integridade por meio de ações seguras, a fim de solucionar o problema. Com esse intuito, buscaram-se orientações com a professora Eliena Jonko Birriel do Curso de Engenharia Química da Universidade de Caxias do Sul, onde surgiu o interesse por parte do aluno Nicolas Martins Nunes em realizar seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre a problemática. Serão feitas coletas e análises específicas dos materiais deteriorados, as quais apontarão a extensão dos danos e as formas mais adequadas de solucioná-los.

## REFERÊNCIAS

BECK, Ingrid. Manual de higienização e controle de pragas em acervos arquivísticos e bibliográficos. Vol 3. Brasília, DF: Ibram, 2014. 80 p.

Gama Gases. Propriedades dos gases: Fosfina. Disponível em < <http://www.gamagas-es.com.br/propriedades-dos-gases-fosfina.html>>. Acesso em 20/05/2018.

SCHÄFER, Stephan. Desinfestação Anóxia. 2002. Disponível em < <http://stephan-schafer.com/desinfestacao-atoxica.php>>. Acesso em 15/05/2018.

SCHÄFER, Stephan. Desinfestação com métodos alternativos, atóxicos, e manejo integrado de pragas (MIP) em museus, arquivos e acervos & armazenamento de objetos em atmosfera modificada. ABER:

Associação Brasileira de Encadernação e Restauro. 1 ed, 2002. 19 p. Disponível em < [http://stephan-schafer.com/pdfs/art-igo\\_Anoxia\\_ABER.pdf](http://stephan-schafer.com/pdfs/art-igo_Anoxia_ABER.pdf)>. Acesso em 17/05/2018.



Imagem de Santa Clara de Assis, antes e depois da imunização (acima e abaixo, respectivamente)

## MUSEÓLOGA ESPECIALISTA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO

# MAGALY OBERLAENDER

Nasci no Rio de Janeiro. Tenho 72 anos. Fiz Jornalismo (PUC-RJ), Museologia (UNI-RIO), Especialização em Conservação e Restauração (EBA-UFRJ), Pós-graduação em Gerenciamento de Projetos Culturais (FGV) e Mestrado em História e Crítica da Arte (UFRJ).

Chefiei durante quinze anos o Laboratório de Conservação e Restauração do Museu Nacional de Belas Artes. Projetei, implantei e coordenei a área de Conservação e Restauração de Bens Móveis e Elementos Integrados da 6ª. DR IPHAN/PRÓ-MEMÓRIA (abrangendo Rio de Janeiro e Espírito Santo); e, posteriormente, fui responsável pela mesma área, mas a nível nacional.

A constante proximidade com a arquitetura religiosa e a arte sacra e o aprofundamento dos estudos sobre esses temas exigidos pelo meu trabalho me despertaram para a beleza que é o universo da cultura religiosa. E, ao me aposentar, continuei minhas pesquisas com foco na iconografia e iconologia, que muito serviram para embasar projetos e consultorias de restauração que vim a prestar e os artigos que atualmente escrevo.

1. Fale sobre a presença dos Franciscanos, Conventuais, Observantes e Capuchinhos no Brasil.

É muito difícil, como leiga que sou, separar os três ramos, já que a espiritualidade é a mesma estando sempre presente permeando todas suas ações. Seu carisma é único. Penso que, na verdade, o que os difere são suas constituições.

O primeiro aqui aportar foi um Observante que deu início a nossa História, frei Henrique Soares de Coimbra. Veio com Pedro Álvares Cabral, celebrou a primeira Missa no Brasil e retornou com Cabral. Logo a seguir, em 1503, vieram frades espanhóis com intuito específico de evangelizar. E, a seguir, vieram outros e foram os únicos durante os dois primeiros quartéis de nossa colonização, e tornaram-se os primeiros mártires brasileiros. Posteriormente, juntamente com os Capuchinhos, os Observantes mantiveram-se presentes durante todo o transcurso da História do país. Os Observantes vieram de Portugal, Espanha e Itália e antecederam todas as outras ordens no país. Em 1584, em Olinda, foi criada a Custódia de Santo Antonio do Brasil. A partir daí se expandiram rapidamente pelo nordeste e sudeste do país, construindo, num espaço de menos de 100 anos, dezesseis conventos. Destacaram-se muito como pregadores, confessores e mestres de filosofia e teologia. Esses franciscanos iniciaram a História do Brasil e, ao longo dos séculos, a ela se misturaram. Sofreram inúmeros reveses, mas, humildemente e com sua fé inquebrantável, superaram tudo e tornaram-se protagonistas de grandes momentos da nossa cultura, ciência e política. A lista é extensa. Citarei alguns, mas com a certeza que outros grandes nomes ficaram de fora. Frei Vicente de Salvador, considerado o pai da historiografia brasileira; frei Tomás Borgmeier, de renome internacional, foi um dos maiores entomólogos do século passado; frei Mariano da Conceição Veloso, chamado pai da Botânica brasileira que teve seu trabalho complementado através de frei Francisco Solano Benjamin, que



desenhou mais de mil estampas de plantas classificadas por ele; frei Francisco de Monte Alverne, destacando-se na oratória, tido como o maior orador sacro do país; frei Sampaio, como o grande mentor de D. Pedro e que escreveu o discurso do Fico e o esboço da primeira constituição do império do Brasil. Sabe-se que D. João VI era muito devoto de São Francisco e passou essa devoção para o filho, Pedro I e o neto, Pedro II. Mas nunca abandonaram as práticas pastorais. E isso era feito através da catequese, construções de novas casas e colégios, visitas às comunidades e missões populares.

O crescimento da Ordem Franciscana no país deve-se uma parte à solicitação da própria comunidade, necessitada da vinda deles para o trabalho pacificador e de aldeamento das tribos indígenas rebeldes e, a outra à indispensável manutenção dos hábitos cristãos nas famílias vindas de Portugal e, naturalmente, acompanhada da certeza dos jovens receberem uma boa educação.

Os Capuchinhos foram os grandes missionários que o Brasil teve. E deve-se a eles a imagem clássica do missionário formada no imaginário popular: frade de longas barbas, com hábito marrom, cordão branco na cintura, sandálias, carregando bordão e breviário. Os primeiros que aqui chegaram foram os franceses que aportaram em São Luís do Maranhão em 1612 e, posteriormente, Olinda e Recife em 1642. Esses bravos missionários conseguiram se estabelecer no Brasil como Missionários Apostólicos. Logo depois, em 1698, foram expulsos pelos portugueses, por serem estrangeiros, e serem suspeitos de traição. Logo depois, com a expulsão dos jesuítas, foram requisitados para retomar o trabalho missionário junto aos índios. Desta vez vieram os capuchinhos italianos. A partir do século XIX os capuchinhos italianos tornam-se presentes em todo o país. Neste mesmo século, chegam os franceses no Rio Grande do Sul para dar assistência espiritual aos imigrantes italianos. Esses bravos missionários estrangeiros ajudaram a construir o Brasil através do seu trabalho missionário, na formação embrionária de cidades brasileiras que começaram a partir dos primitivos aldeamentos, na ajuda das igrejas diocesanas locais, no incentivo às vocações nativas e, principalmente, num excepcional trabalho apostolar, como é a principal característica de todos os filhos de Francisco.

Os primeiros conventos viviam em condições precárias, eram impedidos inclusive de aceitar espórtulas de missa. Seguindo as regras pregadas por São Francisco de onde o sustento deveria vir através de seu próprio trabalho, e quando este lhes faltasse, deveriam recorrer à mendicância, viviam da caridade alheia. De-

vido a isto adquiriram o nome de mendicantes por esmolarem, sobretudo no sertão, quando seu trabalho não era suficiente para preencher as necessidades básicas de seu sustento. Inicialmente as missões franciscanas que aqui aportavam eram itinerantes, catequéticas e sacramentalistas. A seguir se tornam evangelizadoras, apostólicas e assistenciais. Os franciscanos eram muito queridos e bem vistos pelo povo, principalmente do interior, que sempre os ajudavam sensibilizados por sua humildade e pobreza. O atendimento incansável e constante às paróquias que atendiam grandes áreas, praticamente abandonadas, cujos fiéis viviam em povoados, sítios, fazendas e garimpos, conquistaram definitivamente esse povo.

Os conventuais foram os últimos a chegar, mas não menor é sua importância. Vieram para fechar com chave de ouro essa graça que o país recebeu com a presença dos franciscanos. Chegaram já em meados do século passado, vieram dos Estados Unidos, e fundaram no Brasil a primeira custódia da América Latina. A preocupação maior desses frades era com a formação de futuros religiosos, em área que iriam se destacar. Porém, nunca colocando em segundo plano as pastorais específicas, como atendimento aos doentes e aos necessitados e outras obras do apostolado. Suas primeiras ações visavam à catequese e ao trabalho social. Com atividades dirigidas aos mais pobres e marginalizados, fundaram vilarejos e centros urbanos para os lavradores. Criaram escolas. E são considerados os primeiros na renovação litúrgica de acordo com o Concílio do Vaticano II. Com conventos espalhados de norte a sul do país cumprem e divulgam o legado da espiritualidade de Francisco.

Acredito que, esses três ramos, através de seu carisma, influenciaram e arejaram a fé do nosso povo, aproximando-o mais da Igreja através do acolhimento, da menoridade traduzida pela humildade, pobreza e testemunho de vida, da fraternidade e caridade revelada com a força de seu apostolado e da obediência e submissão à Igreja.

## 2. Qual o legado espiritual e cultural dos franciscanos no Brasil?

Por mais que se queira descrever o excepcional legado espiritual e cultural dos franciscanos, nada se compara ao que Gilberto Freire escreveu, de forma sintética e total, em seu livro “A propósito de frades”.

A Igreja católica merece um papel de destaque no país como o maior pólo de irradiação da cultura e da arte brasileira.

*[...] se não tem na história escrita do Brasil o relevo que devia ter, é uma presença que se faz sentir de modo particularmente expressivo na paisagem brasileira, na cultura de nossa gente e no folclore do nosso povo. Que conventos mais ligados a essa paisagem que os franciscanos? Que santos mais da devoção dos brasileiros que o franciscaníssimo Santo Antonio? Que frades mais frades pela imaginação do homem do povo brasileiro que de São Francisco, com suas coroas e os seus cordões simbólicos e o brando rumor de suas sandálias características a descerem dos conventos para as ruas, para as praças, para os subúrbios pobres? Que nomes de religiosos, mais do que os franciscanos, associados à eloquência sagrada, à erudição, à arte, à ciência, em terras brasileiras?*

*São esses frades, desde a primeira missa, integrados profundamente na paisagem, na vida e na cultura do Brasil [...]*

### 3. Características da Arquitetura Franciscana em conventos e igrejas (objetos dos seus estudos e projetos).

A Igreja católica merece um papel de destaque no país como o maior pólo de irradiação da cultura e da arte brasileira. E cabe às ordens religiosas o desenvolvimento da arquitetura no país durante os primeiros séculos. Os franciscanos, especificamente, contribuíram com uma tipologia reconhecidamente típica e original, tradutora de seus ideais de vida. A implantação em lugares aprazíveis, no alto dos morros à maneira medieval, a assimilação das influências étnicas e a total afinidade com o meio ambiente, traduzindo sua filosofia de louvar a Deus através de sua criação, fizeram-se presentes como elementos integrantes de seus conjuntos arquitetônicos. É interessante observar que, mesmo ao sofrerem modificações impostas por novos estilos, mantiveram seus fundamentos religioso-filosóficos de respeito à natureza e ao meio social e cultural. Na construção dos conventos, inicialmente, priorizavam a moradia cercada pelo claustro, vindo seguida da capela-mor da igreja, a nave e, deixando por último, o frontispício. Os franciscanos adotaram amplamente o campanário único e recuado e galilé de três arcadas. Porém, se forem individualizadas a origem de cada uma destas características, não existirá ineditismo conforme relata Germain Bazin: a galilé de três ar-



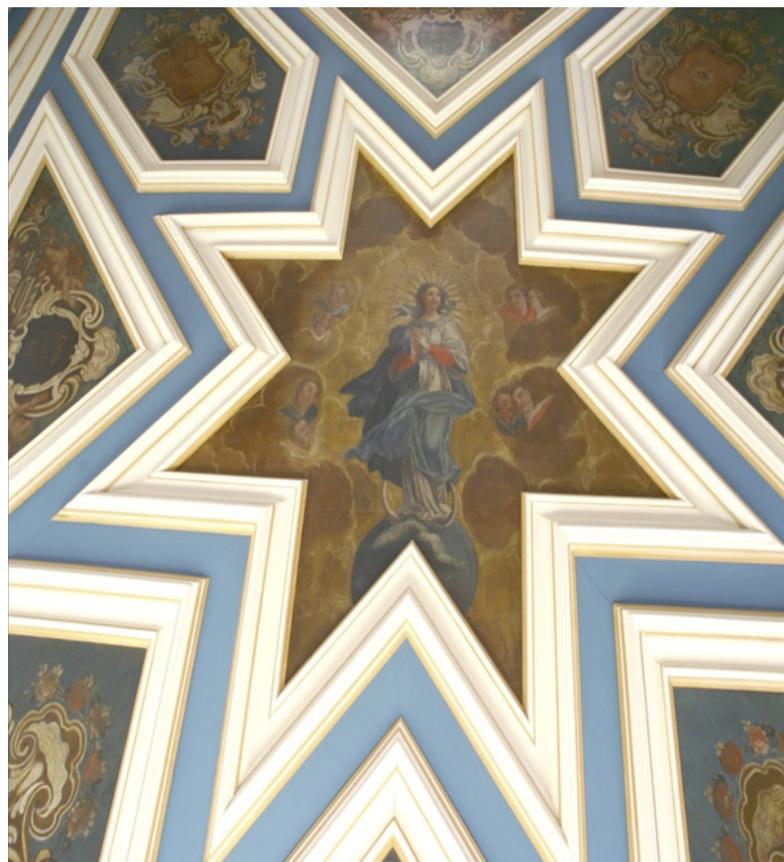
Acima: Convento de Santo Antônio de Cairu - BA. A fachada que deu origem à tipologia franciscana e se tornou a primeira igreja de concepção erudita do Brasil.

cadras iguais já era usada pelos beneditinos; o campanário único, mas sem galilé, os jesuítas conheciam seu emprego; o uso da torre recuada já era adotado pelos franciscanos em Portugal, principalmente na região do Alentejo. O que, na verdade, atribui-se à arquitetura franciscana no Brasil é o uso, em conjunto, desses três elementos arquitetônicos.

É notória a preferência dos franciscanos pelo nordeste brasileiro, sobretudo na região situada entre Salvador e a Paraíba, onde se concentram elevado número de conventos. As mais antigas construções nordestinas tiveram suas pedras fundamentais lançadas a partir da metade do século XVII. Neste século dois tipos de frontispício foram adotados. Um clássico, com frontão triangular, maior que o telhado, apoiado sobre uma arquitrave com cornija saliente sustentada por duas grandes pilastras toscanas e apoiada sobre três arcadas, que abrem para o pórtico, encimadas por três janelas retangulares que iluminam o coro. O outro, de feição barroca, é composto por três pavimentos dispostos em estrutura piramidal com a seguinte distribuição: primeiro pavimento ostenta pórtico com cinco arcadas; o segundo possui três janelas; e o terceiro encimado por uma cruz, tem nicho com escultura e frontão com volutas; – pilastras de ordem toscana seccionam o segundo pavimento em três vãos e volutas grandiosas produzindo curvas e contracurvas suavizam e dão ritmo à transição entre os pavimentos arrematando a composição, embora as paredes permaneçam retas. As igrejas dos Terceiros situam-se, quase sempre, perpendicularmente às igrejas conventuais, à direita ou à esquerda, dependendo da localização do claustro que sempre se posicionava do lado oposto, comunicando-se entre si através de um arco de abertura. Às vezes apenas um pomposo gradil as separa. Existem, entretanto, algumas exceções, como a de Salvador e Marechal Deodoro, posicionadas de forma independente, possuem plantas paralelas à igreja conventual.

Até o século passado a autoria da tão falada tipologia franciscana dividia sua atribuição de autoria entre Frei Daniel de São Francisco e Frei Francisco dos Santos. Frei Daniel que atuou em Cairu e Paraguaçu, ambos na Bahia, por haver desejado inovar nestes novos conventos independentes, primeiros a serem construídos após a separação da Província de Santo Antonio de Portugal; e o outro seria Frei Francisco dos Santos, devido a sua longa vivência de religioso ativamente participante nas construções fran-

Abaixo: Convento de Santo Antônio de Cairu - BA. Pintura do teto da Sala do Capítulo do Convento. Composição setecentista integrando influências vindas do Renascimento, através das linhas geométricas do enquadramento, e do barroco, pela pintura ilusionista típica dessa época. A estrela do emolduramento faz referência à iconografia mariana.



ciscanas de 1585 a 1649. Somente recentemente, conferiu-se a autoria da tipologia franciscana a Frei Daniel de São Francisco. Sua criatividade e contemporaneidade para época foram elementos fundamentais que alicerçaram seu projeto. Ele conjugou, reinterpretando a fachada maneirista alemã do final do século XVI, de dois ou mais, com a loggia classicista italiana usando uma leitura do chamado estilo chão, que é o estilo português destituído de ornatos. Essas influências, certamente, foram trazidas do contato com a iconografia trazida pelos invasores holandeses e das idas a Itália e Portugal para interceder pela independência dos conventos brasileiros. A fachada do Convento de Santo Antonio de Cairu (BA) é uma interpenetração de influências culturais alemã, italiana e portuguesa, aplicando um misto de engenhosidade e estética, que teve como resultado uma criação totalmente original. É a união de culturas diver-



sificadas gerando outra com identidade cultural própria. Demonstrando que o crescimento e o progresso da humanidade sempre ocorreram, e ocorrerão através da união das culturas, uma alavancando a outra, através de suas criações e criaturas orquestradas pelo grande Maestro do universo – o nosso Criador.

Entretanto, quanto à repetição de detalhes construtivos, a atribuição recai sobre os artistas que se deslocavam de uma para outra obra. Infelizmente essa pesquisa torna-se árdua e muito dificultada pela existência de poucas informações referentes aos arquitetos e artífices franciscanos; quando as encontramos, outras atividades e qualidades morais e religiosas são sobrepostas, restando poucos dados sobre suas atuações como construtores e como artesãos provenientes de oficinas dirigidas pelos próprios religiosos. O produto dessas oficinas era coletivo, anônimo, misturando-se com o trabalho também produzido pelos mestiços, negros e índios - todos inseridos dentro de um sistema medieval de acordo com a ordem franciscana. A individualidade fazia-se presente apenas em duas situações: ao se destacarem como grandes oradores ou quando suportavam de maneira estóica os sacrifícios impostos pelo serviço missionário.

#### 4. Fale sobre a problemática da conservação e restauro deste patrimônio edificado (franciscano).

Os vastos problemas que nos defrontamos são praticamente os mesmos do passado. Vão desde a formação de pessoal capacitado, passando pela contratação e se completando na fiscalização. E, somando a isso tudo, o desconhecimento do valor dos bens culturais por quem os guarda. Enfim, atinge todo um processo. Tirando boas e honrosas exceções, a restauração no Brasil encontra-se numa fase bastante preocupante. São poucos os bons cursos de formação de restauradores aqui no Brasil. E como a profissão ainda não está regulamentada, continua a prevalecer, em muitas das vezes, o pensamento de um século atrás que, para ser restaurador era necessário ser um artesão ou um “faz-tudo”, conhecer um pouco de pintura e ter paciência. A restauração há muito, desde a época do prof. Edson Motta que a iniciou aqui no Brasil durante a década de 40 no IPHAN,

À esquerda, acima: Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro. Insignias da Ordem Franciscana, à entrada da capela-mor, localizada na chave do arco-cruzeiro.

Abaixo: Medalhão situado no coroamento do retábulo do altar-mor com elementos iconográficos referentes a Santo Antônio.

Abaixo: Convento de Santo Antônio do RJ. O convento trazia oculto em suas paredes desde 1707, os antigos confessionários. Seguindo a indicação de um livro de frei Basílio Röwer, foram descobertos durante a restauração. São raros os exemplares existentes no mundo já que, desde o Concílio de Trento, caíram em desuso. O Brasil possuía, até então, um único exemplar no Convento de Santa Tereza de Ávila em Salvador (BA). Com a descoberta desse segundo, o Rio de Janeiro passa a ser o mais antigo devido à data de sua construção.

está embasada cientificamente, recorrendo à química, à física e à biologia, com todos seus recursos sendo utilizados, e teoricamente, com critérios sustentados pela História da Arte e a Teoria do Restauro.

Hoje em dia, devido aos grandes recursos financeiros patrocinados, as obras a serem restauradas se multiplicaram. E, com isso grandes firmas ganham as licitações do todo da obra e terceirizam a restauração, contratando, para diminuir o custo, pessoas sem a mínima qualificação. E os desastres ocorrem a todo instante. Infelizmente, uma fiscalização eficaz que deteria essa situação se depara com a crônica falta de pessoal capacitado e enfraquecimento político dos órgãos fiscalizadores a nível municipal, estadual e federal, fazendo-os atuar timidamente.

Decorrentes dessa situação, outras se fazem sentir, demonstrando a profundidade do problema enfrentado pelo patrimônio histórico e artístico.

As exigências feitas pelas restaurações políticas que exigem rapidez e cronograma apertado, onde o tempo pré-estabelecido permite apenas maquiagem as obras de arte para atender à data da inauguração. Consequentemente, ao esconder as imperfeições da obra, na maioria das vezes, desenvolve-se aceleradamente processos de deterioração.

O descumprimento contumaz dos critérios contidos nas Cartas Internacionais de Restauro por restauradores sem formação na área que atuam. Aqui deve ser lembrado que o Brasil é signatário de todas as Cartas Internacionais de Restauro, aderindo a todas suas normas, portanto, tem o dever de cumpri-las. Esse descumprimento, devido ao desconhecimento total do contratante em relação à restauração e a falta de fiscalização dos órgãos competentes, vêm destruindo o acervo cultural do país.

Outro ponto é a importância exacerbada atribuída ao tecnicismo nas intervenções em detrimento dos valores históricos e artísticos, vinculando sempre a importância da restauração ao emprego da última novidade na área técnica e de materiais, envolvendo sempre muito marketing em torno de sua divulgação e do restaurador: entretanto legando para segundo plano o principal – o aprofundado estudo da obra de arte.

Por último, mas tão importante quanto os acima



citados, depara-se com a exigência cada vez maior da comunidade a qual o bem pertence, que por falta de esclarecimentos, exige que, após o restauro, a obra ostente a aparência de nova. Esta intimação, dada pela própria sociedade, é campo fértil para a proliferação de curiosos que se autodenominam restauradores; posto que aqueles com formação na área de critérios éticos e estéticos de restauração, invariavelmente, irão recusar tal trabalho, já que respeitam a instância histórica e artística da obra. Consequentemente, muitas obras têm sua leitura prejudicada por extensas repinturas sobre o original, transformando-se em verdadeiros pastiches. E, ainda numa situação ainda pior – talvez a mais grave – o total desconhecimento das comunidades, tanto civil quanto religiosa, em relação à importância do seu patrimônio cultural, constantemente nos deparamos com “modernizações” de igrejas seculares ou deixando que virem ruínas para construir uma nova.

Resumindo. Acredito que a maior problemática esteja na ausência de educação patrimonial, em seu sentido mais amplo, o que está nos levando a perder, a cada dia, nossas referências culturais, não somente ligadas ao país, mas à Igreja e, consequentemente, à nossa civilização.

## 5. Indique algumas perspectivas para a preservação deste patrimônio.

A responsabilidade da Igreja é enorme diante do quadro altamente preocupante que temos, hoje em dia, diante de nós. Só dentro do universo dos bens culturais tombados pelos órgãos em suas diversas instâncias, municipal, estadual e federal (IPHAN), praticamente 80% desses bens pertence à Igreja. Portanto cabe a ela a responsabilidade da preservação da maior parte dos bens culturais do Brasil. Muitos podem achar que isso é bobagem e que a Igreja tem outras responsabilidades muito mais importantes e afins com seus propósitos. E é aí que se encontra o grande erro.

Pois ao preservar esses bens, estará preservando sua própria identidade, sua história que foi, e continua sendo, protagonista ao longo dos séculos.

Cursos sobre patrimônio cultural da Igreja, avulsos ou matéria inclusa na grade dos cursos de Teologia, atenderiam à necessidade da formação do clero e de outros que lidam diretamente com esse acervo. Esses cursos visariam sensibilizar e estimular a compreensão de sua grande responsabilidade perante a preservação dos bens culturais da Igreja a partir de conhecimentos básicos na identificação de seus valores históricos, artísticos e culturais. E constariam do seguinte: estudo dos documentos da Pontifícia Comissão para os Bens Culturais da Igreja e discussão sobre sua aplicação e instrução sobre sua responsabilidade perante a preservação, valorização e fruição dos referidos bens; noções do uso da arquitetura, pintura, escultura e música no serviço da liturgia; a arte como instrumento de evangelização; a religiosidade popular e sua criatividade; noções de conhecimentos básicos de preservação de patrimônio cultural visando aperfeiçoar a administração de suas paróquias, facilitando, assim, a relação com os órgãos de proteção e com os profissionais contratados para esse fim; e, por fim, instruções sobre adoção de medidas preventivas que impeçam o desaparecimento dos bens eclesiais através da comercialização, furto ou restaurações danosas, responsáveis por apagar a memória material da Igreja e da nossa História. E essas noções seriam automaticamente passadas para seus paroquianos. O clero se tornaria um pólo difusor da preservação de sua identidade cultural, tanto a nível local como mundial, e, consequentemente, do patrimônio histórico e artístico da humanidade.

Acredito que a única saída será a conscientização que se dará através de um conhecimento maior desses bens e sua responsabilidade sobre eles. E aqui me faz lembrar aquela frase de Santo Agostinho: Só se ama aquilo que se conhece. Então complementar com uma frase de origem mais popular: Quem ama, cuida.



**MARCELO NEDEFF**  
ARQUITETOS

Simone Turmina

Fernanda Gallina Luzzatto

Marcilena Rigoni

Marcelo Pandolfo Nedeff

# LAUDATO SII... ASSIM CANTAM OS CAPUCHINHOS

## Missa "IMMACULATA,,

A TRE VOCI DISUGUALI

(ALTO, TENOR, BASSO)

### KYRIE

P. EX

Andante. *p* *mf*

1 Ky - ri - e e - le - i - son Ky - ri - e e - le - i - son

2 Ky - ri - e e - le - i - son Ky - ri - e e - le - i - son

3 Ky - ri - e e - le - i - son Ky - ri - e e - le - i - son

*f* *dim.*

le - i - son Ky - ri - e e - le - i - son Ky - ri - e e - le - i - son

le - i - son Ky - ri - e e - le - i - son Ky - ri - e e - le - i - son

le - i - son Ky - ri - e Ky - ri - e e - le - i - son e - le - i - son

Ky - ri - e e - le - i - son Ky - ri - e e - le - i - son

Ky - ri - e e - le - i - son Ky - ri - e e - le - i - son

Ky - ri - e e - le - i - son Ky - ri - e e - le - i - son

della CASA EDITRICE "MUSICA SACRA,, - Milano. Tutti i diritti sono

norma dei trattati internazionali.

A fundação da Missão Capuchinha no Rio Grande do Sul ocorreu no ano de 1886, com a chegada dos frades franceses Frei Bruno de Gillonnay e Leão de Montsapey. Inicialmente instalaram-se em Conde d'Eu, onde hoje se localiza a cidade de Garibaldi. E, foi a partir daí que o legado capuchinho se estendeu a outras cidades do Rio Grande do Sul. Um dos motivos para a vinda dos frades Capuchinhos ao RS foi a preocupação com a formação do clero. Assim, em 1898 foi aberta a primeira Escola Seráfica em Garibaldi, com um grupo de 14 jovens.

Mas, antes mesmo da fundação da missão no estado, a música já fazia parte do cotidiano dos Freis Capuchinhos. Com um grande acervo sobre essa temática e pensando na sua importância, o MusCap realiza de 21 de novembro de 2018 a 27 de setembro de 2019, a exposição "Laudato Sii... assim cantam os Capuchinhos". A mostra foi organizada pelos pesquisadores Lucas Troglio e Susiele Alves Ramos.

### sobre a exposição

A exposição conta com documentos, fotografias, partituras, instrumentos musicais e entrevistas em audiovisual que retratam a história dos Freis com a música. De acordo com Troglio, a ligação da música com os Capuchinhos é muito forte. "Antigamente, formar um padre, também tinha a ver em torná-lo uma pessoa de alta cultura. Por isso, os Freis aprendiam a teoria musical, música clássica, canto gregoriano, que eram aplicados nas missas, por meio da liturgia", conta.

Segunda a historiadora Susiele, a tradição musical dos Capuchinhos vem dos Freis franceses que se mudaram para o Brasil. Ela destaca um deles, Frei Exupério de La Compôte, que é lembrado até hoje pelos seus confrades pelas composições de música sacra. Ele atuou na formação musical de noviços e das comunidades religiosas, formou corais em diversas cidades do Rio Grande do Sul. Compôs o livro de músicas religiosas populares "Cantai ao Senhor" que ainda hoje é referência.

À esquerda: partitura de uma música composta por Frei Exupério para a missa Immaculata

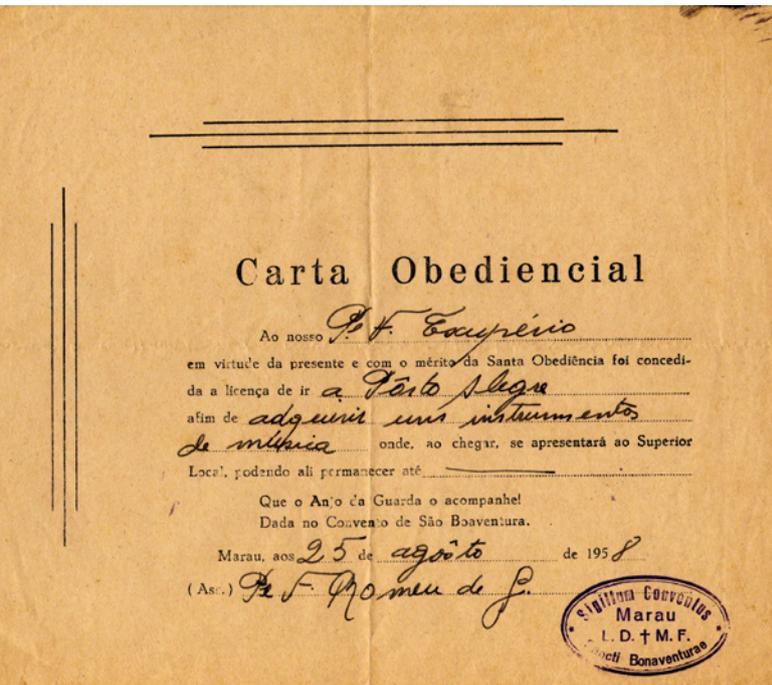
## nos dias de hoje...

Atualmente, a música não faz mais parte da formação dos Freis, porém ainda existem tentativas de manter essa tradição. Um exemplo, é o Frei Laércio Duminelli da Luz que ministra aulas de música para sete postulantes da Fraternidade Santa Fé, em Caxias do Sul. O costume também é mantido pelos Freis Luiz Carlos Susin e Luiz Sebastião Turra. Eles, são destaques no cenário musical religioso, pois, são compositores de músicas para a liturgia e pastoral.

A história do Frei Laércio com a música é de superação. Ele conta que não tinha habilidade com instrumentos musicais, mas sua força de vontade foi além. Estudando sozinho, por meio de aulas impressas, o Frei aprendeu a tocar violão, no mesmo ano que ingressou no Seminário dos Freis Capuchinhos em Flores da Cunha, em 2004. Laércio comenta que o aprendizado veio na base da insistência e da convicção. “Eu não sabia explicar, mas, tinha a certeza de que deveria aprender para animar as celebrações nas comunidades por onde eu trabalhasse”, destaca.

Para o Frei Laércio, a religiosidade e a música se complementam. Ele relata que quando trabalhou na catequese de adultos analfabetos, quando era estudante de filosofia em Pelotas, percebeu que a música era a forma mais segura daquelas pessoas acessarem a palavra de Deus. “Para uma pessoa analfabeta, o amor de Deus é compreendido por meio da música”, salienta.

À esquerda, de cima para baixo: Carta Obediencial concedida ao Frei Exupério para adquirir instrumentos musicais e banda formada pelos Seminaristas, sob a direção de Frei Alberto Stawinski.



ASSOCIAÇÃO  
ANTONIANA

CALENÁRIO ANTONIANO

Grupo Antoniano de Peregrinações

Viagens para Fátima, Itália e Terra Santa

Endereço: Rua General Sampaio, 161A, Bairro Rio Branco  
Caxias do Sul/RS • Telefone: 3226.2211



## EDITAL #OCUPAMUSCAP APRESENTA EXPOSIÇÃO RE-LIGARE

A amizade de quase trinta anos dos artistas Daniela Antunes e Rafael Dambros resultou em um belo trabalho em conjunto, a exposição *RE-LIGARE*. O título tem origem latina da palavra religião, que traz uma conexão entre o homem e Deus. A mostra fez parte do Edital #OcupaMusCap e a visitação ocorreu durante os meses de junho a setembro de 2018.

Com mais de 20 obras, a exposição buscou desmistificar a ideia da fé. A proposta da parceria entre Daniela e Rafael foi que as obras individuais conversassem entre si. Além disso, *RE-LIGARE* foi resultado de uma pesquisa dentro da cultura religiosa e da fé, tendo como base a literatura, a música e o imagético brasileiro.

Daniela trabalha há mais de 15 anos com esculturas de cerâmica modeladas à mão e traz como elemento principal de suas obras, as formas femininas. A artista contou que já fazia algum tempo que gostaria de realizar um trabalho com produções santificadas e, juntamente com Rafael, a oportunidade surgiu no MusCap. A partir daí, eles iniciaram a produção da mostra *RE-LIGARE*. “Eu e o Rafael decidimos, por meio da exposição mostrar a fragilidade humana diante da fé. Abordá-los com a questão: o que é a fé? E até onde ela pode chegar”, conta.

Já Rafael, tem em suas obras o corpo masculino como instrumento de expressão político-social. O artista trabalha com desenhos feitos com caneta esferográfica, com a abordagem do homoerótico. Para ele, a mostra foi uma grande vitória. “É importante, tanto para mim, quanto para a Daniela, essa conexão das nossas obras com o público. Me senti como uma estrela”, relata animado.

### *MusCap e os artistas*

A parceria dos artistas e do Museu dos Capuchinhos foi um sucesso. De acordo com o diretor do MusCap, Frei Celso Bordignon, o museu é dinâmico e tem como objetivo proporcionar a reflexão sobre todos os temas relacionados com a arte e cultura. “A exposição *RE-LIGARE* apresentou ao público questões relacionadas a religiosidade, sincretismo e contestação. O corpo é uma metáfora para abordar questões que normalmente são consideradas tabu. É importante para desmistificar a imagem da Instituição como um espaço limitado apenas às exposições de temas históricos”, destacou.

De cima para baixo: Daniela Antunes e Rafael Dambros; Obra “O Fim de Santa Bárbara” de Daniela Antunes e público conferindo a abertura da *Re-Ligare*.



O Edital #Ocupa MusCap tem como objetivo incluir no calendário do Museu dos Capuchinhos exposições de artistas, curadores, coletivos ou projetos de curadoria com o intuito de aproximar a instituição da comunidade e democratizar o espaço expositivo.

A artista acredita que é de grande importância mostrar a arte para o público. Daniela contou que as pessoas não têm ideia de como é trabalhar com a cerâmica, por isso, ela quis trazer para a Região Sul esse conhecimento. “Essas obras traduzem o que sentimos”, salientou.

## visitação

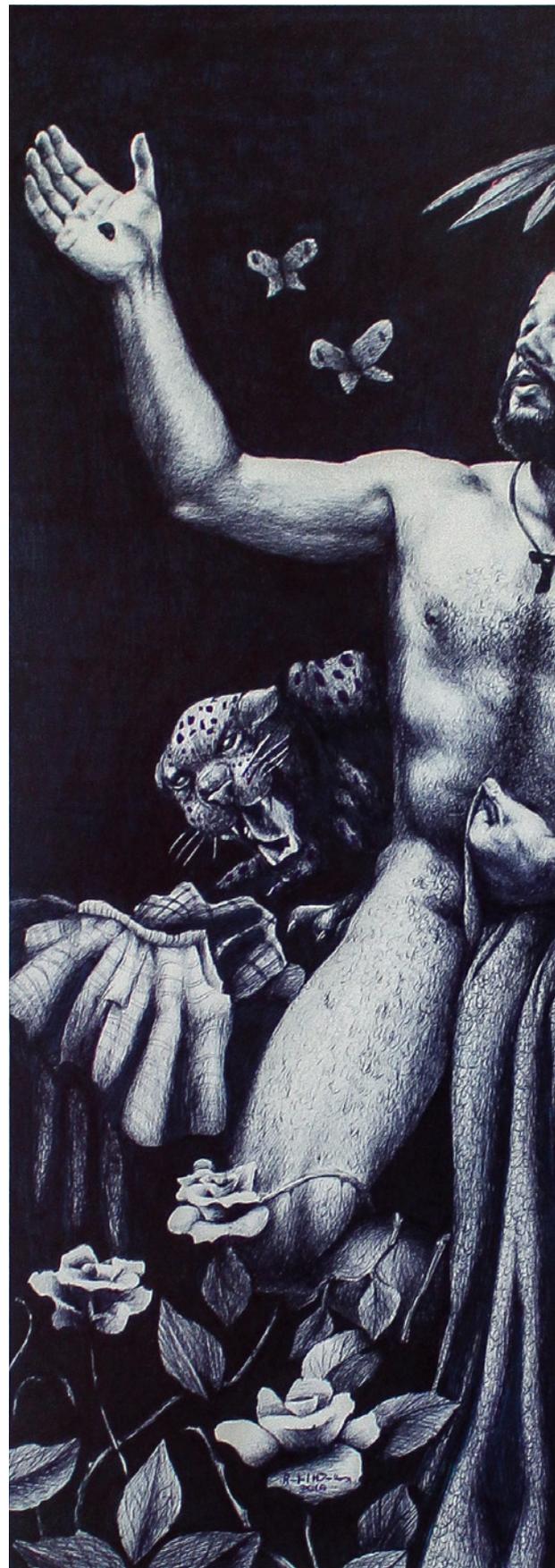
A exposição *RE-LIGARE* contou com programações especiais durante o período de visitaçã. Além do Dialogarte, um evento no qual os artistas Daniela Antunes e Rafael Dambros falaram com a comunidade sobre o processo de construção da exposição, a Instituição recebeu o Centro de Convivência Tia Oli, os estudantes do Ensino Médio (EJA) Mutirão e acadêmicos do curso de Arquitetura e Urbanismo da faculdade Uniftec.

Os idosos do Centro de Convivência Tia Oli conferiram as obras da exposição, bem como participaram de um bate-papo com o curador da mostra, Rafael Dambros. Após, o grupo ainda participou de uma série de atividades, como jogos de quebra-cabeça e elaboração de desenhos. Já os estudantes do Ensino Médio (EJA) Mutirão trocaram ideias com os artistas sobre os processos de criação nas diferentes linguagens expostas. Além disso, todos puderam tirar suas dúvidas a respeito da confecção das obras.

Para a professora do grupo Uniftec, Josiane Reschke Pires, os alunos se interessaram muito pela exposição, principalmente pelas técnicas de desenho e esculturas que foram empregadas pelos artistas, além da beleza e conceitos das obras expostas. “A visita ao acervo do museu foi de grande valor a eles, pois pudemos ver toda a aplicação e as formas de restauro, formas de acondicionamento e o valor de mantermos essas peças protegidas e valorizadas por nós, visto que contam parte de uma história passada por nosso povo”, salienta.

O Museu dos Capuchinhos funciona de segunda à sexta-feira, das 8h às 11h30min e das 13h30min às 17h. Grupos ou interessados em conhecer o espaço em horário diferenciado, devem agendar horário com o MusCap por meio do telefone (54) 3220.9565 ou pelo e-mail [educativo@muscap.org.br](mailto:educativo@muscap.org.br).

No centro, obra “São Francisco” de Rafael Dambros.  
A técnica é caneta esferográfica sobre papel.  
À direita, desenhos realizados pelos participantes da oficina com modelo vivo





## ações

A exposição *RE-LIGARE* também proporcionou ao público ações culturais no Museu dos Capuchinhos. Uma delas foi a oficina com o modelo vivo, Lucas Leite, que ocorreu em 12 de setembro de 2018. A atividade foi orientada pelo artista Rafael Dambros.

Durante a oficina, os participantes puderam desenvolver a percepção da figura humana, sob aspectos como sombra e luz, forma e movimento, bem como outros pontos que compuseram o ambiente.

Além disso, o MusCap promoveu, no mês de setembro, uma ação cultural com um grupo de alunos do Instituto da Audiovisão de Caxias do Sul (INAV). A atividade foi assessorada pela artista Daniela Antunes.

Durante o encontro, o grupo visitou a mostra *RE-LIGARE* e, por meio do toque, puderam entender as obras de arte pelos detalhes que as compõem, como seus contornos, linhas e texturas. Após, ocorreu um bate-papo sobre o processo de criação e produção das obras de Daniela Antunes.

A artista contou que a ideia de trazer para perto da arte portadores de deficiências visuais sempre foi uma questão importante na sua vida. Ela acredita que é necessário a inclusão de todos. “A participação do INAV na atividade foi maravilhosa. Eles são muito receptivos e bastante questionadores, se aprofundam nas perguntas e se propõem a participar ativamente”, afirma.

De acordo com a professora do INAV, Marilda Pianegonda, a atividade foi muito interessante para todos. “Nossos alunos adoraram visitar o MusCap e conhecer as obras da Daniela. Eles ficaram muito entusiasmados e, para nós, é muito gratificante. Agora, sempre que tiver ações desse tipo no museu, nós vamos participar”, contou animada.

O INAV oferece oportunidades de educação, habilitação e reabilitação visando a inclusão escolar, profissional, e psicossocial de pessoas surdo cegas, cegas e com baixa visão associadas ou não a outras deficiências.



# A PRESENÇA CAPUCHINHA E A POLONIDADE NO RIO GRANDE DO SUL

Cláudio da Costa  
Mestre em História  
pela Universidade  
de Caxias do Sul (UCS)



Para muitos brasileiros, o ano de 2018 pode ser considerado somente mais um, com os previstos aumentos de impostos, feriados, contas a pagar, etc. Para outros tantos, um ano marcado por greves, constante disputa política, abusos do poder público, enfim, um ano de eleições. Por outro lado, há uma modesta parcela da sociedade brasileira, os polônicos – brasileiros de origem polonesa –, para os quais este é um ano especial. Momento de celebrar os 100 anos da reconquista da independência da Polônia.

O objetivo do presente texto é refletir sobre a atuação dos religiosos Capuchinhos da Província do Rio Grande do Sul enquanto militantes da polonidade – identidade polonesa no Brasil –, por meio da exposição de suas atividades, mostrar como contribuíram para que a polonidade se mantivesse viva. Antes disso, há primeiro que historiar acerca da história polonesa, já que grande parte da população brasileira toma conhecimento do dito país somente pela sua inserção na História, como um dos principais palcos da terrível II Guerra Mundial.

A história polonesa tem como marco inicial o ano de 966, quando, pela conversão ao Cristianismo, adotada pelo mandatário Mieszko I, juntamente com as populações habitantes das cercanias do Rio Vístula, o país entrou para o “círculo da cultura ocidental” (WRÓBEL, 2012, p. 07). A independência da Polônia, desde o início tratou-se de uma questão conturbada. Os reis poloneses ao longo do tempo envolveram-se em muitas guerras, por vezes anexando territórios e noutras perdendo suas recentes conquistas.

A paz com os reinos vizinhos era difícil, principalmente pela localização estratégica da

A história polonesa tem como marco inicial o ano de 966, quando, pela conversão ao Cristianismo, adotada pelo mandatário Mieszko I, juntamente com as populações habitantes das cercanias do Rio Vístula, o país entrou para o ‘círculo da cultura ocidental’

Polônia, como elo terrestre entre o que hoje chamamos de Europa Central e Leste Europeu, além do acesso ao Mar Báltico. O relevo da Polônia não oferece grandes defesas naturais, sendo formado majoritariamente por planícies, fator facilitador para os invasores, além da produtividade da terra incitar a disputa pelos territórios (WESOŁOWSKA, 2012).

Dependendo muitos esforços, a nação polonesa, no período conhecida como República das Duas Nações (Polônia e Lituânia), vivia um florescimento cultural, e conseguiu segurar os territórios originais até por volta de 1772, quando os impérios vizinhos (Áustria, Prússia e Rússia) acordaram em abocanhar cada qual uma fração do território polonês. Nisso a “República perdeu 30% de seu território” (WRÓBEL, 2012, p. 16). A fim de evitar a “liquidação do país independente”, iniciou-se uma série de reformas estruturais, culminando na aprovação da Carta Magna polonesa<sup>1</sup> no dia 3 de maio de 1791. Posteriormente chamada de “Constituição de 3 de Maio”, documento pioneiro na Europa, que introduziu o princípio de Montesquieu da separação dos três poderes – judiciário, legislativo e executivo. (Ibid., p. 16-17).

Os rumores da nova organização do país erçaram as potências vizinhas. O medo de ver a Polônia reerguida levou os impérios vizinhos a intervirem uma segunda vez, e em 1793 a Polônia foi repartida novamente. O período foi marcado por diversas revoltas contra os invasores, onde se destacou a liderança do general Tadeusz Kosciuszko<sup>2</sup>. Após a prisão do líder “rebelde” pelos russos, em 1794, os impérios da Áustria, Prússia e Rússia, em 1795, dividiram o restante do território da Polônia entre si. A Polônia é riscada dos documentos cartográficos (mapas) e assim os invasores pensaram que seria para sempre (Ibid., p. 17-24).

Ao todo, foram 123 anos de cativeiro. O país reconquistou a independência somente no final da I Guerra Mundial, em 1918. Durante a primeira metade do século XIX da história polonesa, ocorreram diversas insurreições de cidadãos e principalmente por parte dos trabalhadores do campo. A opressão era tamanha em algumas regiões (sob dominação prussiana e russa) que a emigração apresentou-se como uma “fuga”. A segunda metade do século XIX caracterizou-se pela emigração em massa. Um dos destinos preferidos foi o Brasil, país que recebeu os primeiros imigrantes poloneses por volta de 1869-1870 (MARIN, 2014, p. 42-47; 57-60).

A missão da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (OFM Cap) no Rio Grande do Sul (RS) iniciou em janeiro de 1896 na sede da Colônia Conde D’Eu,

atual cidade de Garibaldi. Provenientes da região de Sabóia (França) chegaram os freis missionários Bruno de Gillonnay e Leão de Montsapey, a fim de prover atendimento religioso às colônias italianas. Após fazer um reconhecimento da situação dos imigrantes na Colônia Conde d’Eu, averiguaram as colônias vizinhas – “Princesa Isabel” (Bento Gonçalves) e a “Colônia Caxias” (Campo dos Bugres). Pensando em garantir o sucesso da missão, de pronto trataram de recrutar jovens candidatos para a vida religiosa. Recebendo reforços da França, fundaram o Seminário Seráfico em Garibaldi dois anos após a chegada, em 1898. Neste mesmo ano, Frei Bruno convenceu a Província da Sabóia a transferir o curso de Filosofia e Teologia do Líbano para a nova missão no Brasil. No ano de 1902 “chegou a notícia de que a Missão do Rio Grande do Sul havia sido elevada a Comissariado Provincial”, mostrando-se promissora. Porém, a missão capuchinha no RS só seria elevada ao título de Província Sagrado Coração de Jesus décadas mais tarde, em 1942, quando a instalação da Ordem já estava consolidada (MOLON, 2014, p. 05-09).

Pouco tempo depois do reconhecimento inicial da região em que iriam atuar, Frei Bruno de Gillonnay teria recebido uma carta do missionário jesuíta Pe. José von Lassberg<sup>3</sup>, advertindo-o de que em meio a tantos imigrantes italianos havia também imigrantes poloneses e que estes se encontravam em estado de abandono às margens do Rio das Antas. Sugerindo que fosse enviado um missionário capuchinho para atender tal contingente de fiéis, já que, mesmo na ausência de sacerdotes, reuniam-se para festejar os dias santos, praticar os sacramentos e rezar em sua língua materna. (WONSOWSKI, 1976, p. 33). As palavras do padre Lassberg ao passar pela região traduzem que a fé era o que lhes restava naqueles inóspitos barrancos: “Se a Religião não tivesse raízes tão profundas no coração dos poloneses, a queda seria ainda mais abismal e nunca eles me teriam aceito como o fizeram” (RABUSKE, 1978, p. 107).

Para os missionários franceses que atuavam na época, a comunicação fora da liturgia não era um problema com os italianos, pois sabiam o idioma destes. No caso dos poloneses, como de costume antes do Concílio Vaticano II<sup>4</sup>, estes participavam da missa em latim sem nenhum problema. Mas a comunicação diária era um empecilho aos missionários, pois a língua polonesa lhes era

de total desconhecimento. Estas foram as principais motivações pelas quais, em agosto de 1901, a pedido de Frei Bruno, chega ao RS o primeiro frade polonês, o “capuchinho da Galícia” – Frei Honorato Jedlinski (PAX ET BONUM, 2011, p. 253).

Francisco Victor Jedlinski (03/11/1869 – 01/09/1952), natural de Przemysl, Polônia, filho de Casimiro Jedlinski e Paulina Malankiewicz, também conhecido pelo nome religioso de Frei Honorato, foi o primeiro capuchinho polonês a prestar atendimento religioso aos imigrantes poloneses no RS. “Um missionário incansável” que teve como meta alimentar a fé entre seus conterrâneos aqui radicados. Entre suas benfeitorias destaca-se a fundação de 25 escolas nos municípios de Veranópolis, Nova Prata, Mariana Pimentel, Nova Bassano, Antônio Prado, Guaporé, Vespasiano Corrêa, Dom Feliciano, São Marcos, Porto Alegre e Pelotas. (PAX ET BONUM, 2011, p. 253; STAWINSKI, 1976, p. 94; MARIN, 2014, p. 61). Em algumas localidades, além de prestar atendimento religioso durante suas visitas, mobilizou os imigrantes poloneses a organizarem-se em comunidade, auxiliando na construção de capelas (WONSOWSKI, 1976, p. 30). A influência junto a seus patrícios se deu, por vezes, de forma ordeira e voluntária, e por outras:

*Foi resolvido na assembleia geral que as famílias polonesas da Capela de São Casemiro que desejam assistência espiritual na Capela Mãe de Deus de Częstochowa, pela estada do sacerdote, devem depositar em mãos dos fabriqueiros 2000 réis por cada assistência espiritual e isso sem privilégio de ninguém do grupo. Assim, até que não se organizem em própria comunidade de sua Capela, nenhuma família da Capela de São Casemiro pode ser aceita como sócia nesta capela da Mãe de Deus de Częstochowa (KOZOWSKI, 2006, p. 30).*

As palavras de Frei Honorato, registradas em ata durante reunião da comunidade do interior de Bento Gonçalves, na Capela Mãe de Deus de Częstochowa, datam de 1905. A postura do frade se apresenta, segundo Kozowski (2006), de forma a forçar a Capela de São Casemiro, situada do outro lado do Rio das Antas, atualmente Cotiporã - RS, a se organizar enquanto comunidade de uma vez por todas.

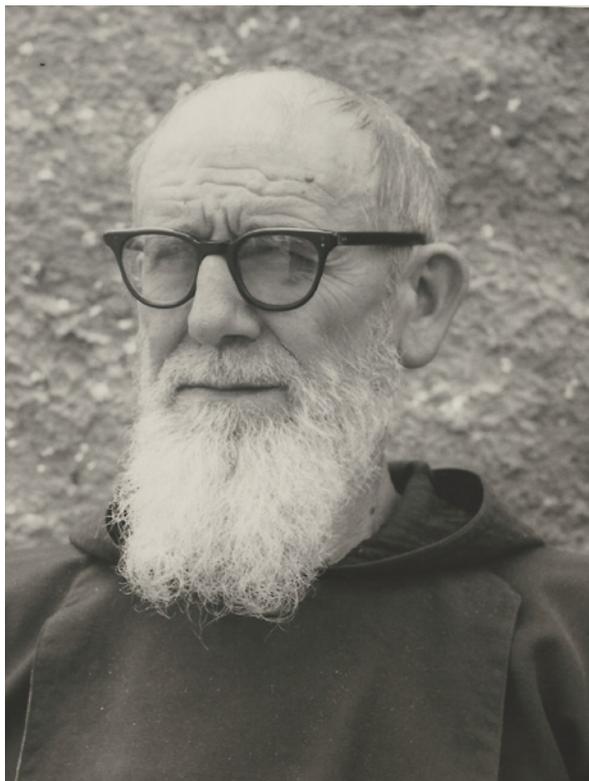
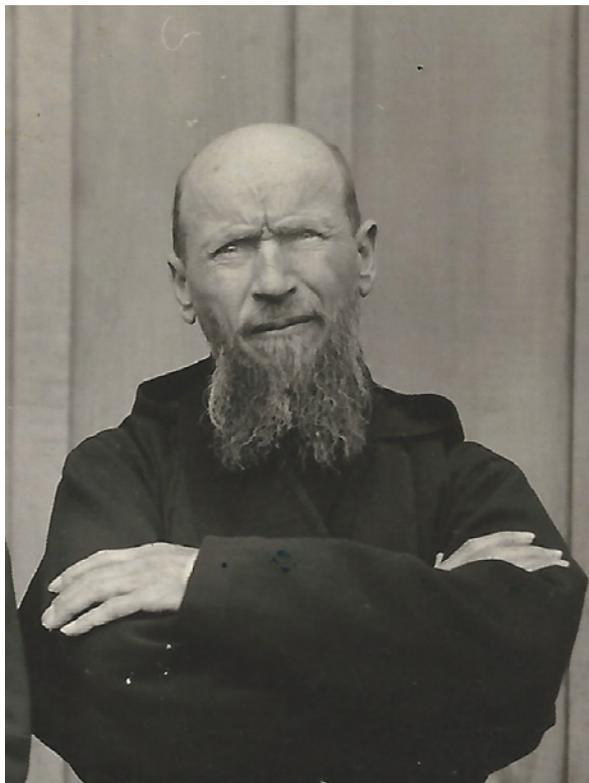
Frei Honorato também é lembrado por ter regularizado inúmeros casamentos e ter promovido



Frei Honorato Jedlinski

a paz entre os núcleos de imigrantes por onde passou. (PAX ET BONUM, 2011, p. 253). Acredita-se que uma das questões de desavença entre os imigrantes foi a questão dos lotes de terra. Os primeiros a chegar receberam os melhores lotes. Conforme foram chegando outras levas de imigrantes, estes foram tendo de se contentar com o que restava, frações de terras menores e mais acidentadas. A população era crescente nas colônias, não havendo lotes suficientes para os filhos que casavam. Este foi um dos motivos que culminou na reemigração da maioria dos poloneses da Serra Gaúcha para outros lugares do estado. (STAWINSKI, 1976, p. 39-40, 119).

Outro possível motivo de desavença, da necessidade de buscar a paz entre os imigrantes poloneses, era pelas “divergências culturais existentes entre os grupos de poloneses emigrantes”. (COSTA, 2018, p. 35). Cabe lembrar que muitos vieram de diferentes regiões da Polônia, falando não só vertentes diferentes da mesma língua, mas também possuíam variações



De cima para baixo:  
Freis Ladislau Berehula  
e Paulo Wonsowski

nos costumes. A Polônia, na época, sofria influências culturais de três diferentes potências (Áustria, Prússia e Rússia). Uma das saídas encontradas por Frei Honorato Jedlinski para promover “o bom relacionamento” entre seus patrícios foi a da mediação religiosa aliada à música. “Conhecedor da alma polonesa, ensinou uma série de canções de cunho popular, sentimental e patriótico” assim como alimentou o costume de divertir-se em família (STAWINSKI, 1976, p. 92).

Sua forma de atuação pastoral, de caráter alegre e festivo, nem sempre foi interpretado com bons olhos pelos imigrantes, que achavam um tanto estranho um padre promover confraternizações que fugissem da rigidez litúrgica a que estavam habituados, motivações pelas quais foi acusado de ser profano e promover encontros de tal natureza. Julgado e considerado inocente, em 1902, não se deixou abater pelas acusações, continuando seu trabalho pastoral, que durou até inícios de 1906, quando regressou à Polônia (STAWINSKI, 1976, p. 92-93).

Mesmo após a saída do capuchinho Frei Honorato do Brasil, as comunidades polonesas do RS continuaram seguindo as suas orientações. Surgiram novos frades que desempenharam papéis de liderança entre os polônicos. Em mais de 100 anos de atuação capuchinha, destacaram-se quatro como os mais atuantes: Frei Ladislau Berehula, Frei João Wonsowski, Frei Adão Urbano Koakoski e Frei Alberto Stawinski. Este último o que mais se destacou na militância polônica.

Alexandre Berehula (01/04/1885 – 12/08/1941), natural de Lwów - Polônia, emigrou para o Brasil com 11 anos de idade, juntamente com os pais, Theodorus Berehula e Anna Stachow, que se fixaram em Erechim - RS. O noviço ingressou na Escola Seráfica de Garibaldi em 1900. “Sempre se considerou polonês” e atendia pelo nome religioso de Frei Ladislau. Trabalhou em Sannanduva, Porto Alegre, Paim Filho e Garibaldi na função de vigário paroquial. Era tido como “bom conselheiro” pelos fiéis das comunidades polonesas de Faria Lemos (Bento Gonçalves), Nova Prata, Veranópolis e Casca, principais locais onde prestou atendimento espiritual (PAX ET BONUM, 2011, p. 231-232; STAWINSKI, 1976, p. 96).

João Ladislau Wonsowski (25/08/1891 – 28/10/1964), natural de Veranópolis - RS, conhecido pelo nome religioso de Frei Paulo, filho de Casimiro Wonsowski e Joana Wisniewska, trabalhou

em Veranópolis, Marau, Ipê, Ijuí, Flores da Cunha e Getúlio Vargas como formador, professor e diretor. Era um amante da vida no campo e do contato com a natureza. Dedicou-se a difundir técnicas agrícolas aos colonos. Foi “colaborador do *Correio Rio-grandense* e do jornal polonês *Lud*”. Deixou como legado uma monografia escrita em polonês, posteriormente anotada e traduzida por Frei Alberto Stawinski para o português, intitulada *Nos Peraus do Rio das Antas*<sup>5</sup>, importante obra que aborda aspectos da vida dos imigrantes poloneses em Alfredo Chaves (atual cidade de Veranópolis) em seus primórdios. A escrita baseia-se na vivência que teve visitando as famílias polonesas instaladas nas encostas do Rio das Antas, locais que percorria “a cavalo, de canoa ou a pé” (Ibid., p. 303).

Adão Urbano Koakoski (19/12/1924 – 07/10/2010), natural de Vista Alegre do Prata - RS, filho de Francisco Koakoski e Mariana Grzebielucka Koakoski, adotou o nome de Frei Estanislau. Era licenciado e bacharelado em “Letras Clássicas” pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Foi diretor, secretário, professor, além de desenvolver trabalhos como capelão em diversos hospitais de Porto Alegre. De sua trajetória, destaca-se a atuação em prol da educação na cidade de Ijuí, onde contribuiu na



Frei Adão Urbano Koakoski

Os contatos estabelecidos por Frei Alberto durante a estada em Nova Iorque frutificaram a ponto de colocar a TV Difusora Porto Alegrense na História da Telecomunicação Brasileira, culminando na primeira transmissão em cores do país em fevereiro de 1972, durante a Festa da Uva da cidade de Caxias do Sul.

“Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado” (FIDENE), lutando pela instalação da rede de ensino superior na região. “Foi condecorado pelo Consulado da Polônia Popular, de Curitiba, pelo trabalho de fortalecer os elos entre os imigrantes poloneses e a pátria mãe”. (Ibid., p. 284).

Victor Stawinski (10/08/1909 – 28/05/1991), natural de São Marcos - RS, filho de Francisco Stawinski e Otilia Strzelecki, conhecido pelo nome religioso de Frei Alberto. Entrou para o Seminário Seráfico de Veranópolis com 11 anos de idade, “fez o noviciado em Flores da Cunha” em 1925, e foi “ordenado presbítero por Dom João Becker” em 1933. Um ano após, assumiu o primeiro cargo como padre. Foi enviado à cidade de Sananduva para ser vigário paroquial, função que exerceu por dois anos. Em 1936, mudou-se para Veranópolis, assumindo as atribuições de reitor do Seminário Seráfico São José, vigário conventual e professor. Lecionou Filosofia, Religião, Música e diversas línguas. Em 1942, em Veranópolis, também lhe foi atribuído o cargo de Definidor Provincial e guardião do convento, atividades que exerceu juntamente com os cargos de reitor e professor. Meses após o término da II Guerra Mundial, em 18 de dezembro de 1945 foi o primeiro a ser eleito para o cargo de Ministro Provincial dos capuchinhos do RS. Mudou-se de Veranópolis para a cidade sede da Província, Caxias do Sul. Antes de entregar o cargo de Provincial, função



Frei Alberto Stawinski

que exerceu no triênio de 1945-1948, fez no último ano sua primeira viagem a Europa a fim de visitar confrades missionários gaúchos em Portugal e confrades na Sabóia, em especial por ter sido convocado para audiência com a Sua Santidade da época, Papa Pio XII<sup>6</sup>.

De volta ao Brasil, mudou-se para Porto Alegre e assumiu, em 1949, a paróquia Santo Antônio do Partenon. Juntamente com a função de pároco foi também capelão das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora Aparecida (Aparecidinhas). Em 1952, foi enviado à cidade de Camaquã, assumindo a capelania da Escola Normal São João Batista, na qual lecionou História da Educação e Filosofia, além de cooperar na paróquia e orientar a formação das Irmãs Bernardinas. Sua atuação em Camaquã durou cinco anos, e em 1957 voltou a morar em Porto Alegre a fim de ocupar os cargos de professor de Filosofia e capelão do Colégio Sévigne. Durante este período também assumiu a presidência da Conferência dos Religiosos do Brasil no RS (CRB-RS) (Idem).

Em 1961, voltou a Veranópolis como Definidor Provincial, além de reassumir os cargos de reitor e professor no Seminário Seráfico. Porém, mais uma vez seria somente de passagem. Em 1964, volta a Porto Alegre para ser guardião do Convento São Lourenço de Brindes e dirigir o 5º ano do curso de Teologia. Nesta mesma fase, acercou-se dos assuntos envolvendo a montagem da TV Difusora e no ano seguinte, 1965, foi aos Estados Unidos a serviço da TV Difusora dos Freis Capuchinhos a fim de arrecadar fundos e tecnologia para a execução do projeto. Morou em Nova Iorque (EUA) de 1965 a 1967 (Idem). É digno de nota lembrar que nesse período o Brasil passava pelos seus primeiros anos de ditadura militar, momento quando se fez por demais interessante buscar

novas formas da comunicação em massa, além do rádio, no intuito de propagandear os “avanços” que o regime militar estava promovendo, melhor dizendo, os retrocessos humanísticos mascarados pelos avanços tecnológicos. Os contatos estabelecidos por Frei Alberto durante tal estada frutificaram a ponto de colocar a TV Difusora Porto Alegrense na História da Telecomunicação Brasileira, culminando na primeira transmissão em cores do país em fevereiro de 1972, ao transmitir com toda pompa a presença de militares e figuras ilustres durante a Festa da Uva da cidade de Caxias do Sul.

Ao regressar ao Brasil, em novembro de 1967, foi enviado para a cidade de Marau a fim de lecionar aos estudantes e dirigir o Seminário Seráfico São Boaventura, função que exerceu por pouco tempo. No ano seguinte, 1968, voltou a Veranópolis. Aproveitando a fluência na Língua Inglesa, adquirida em sua estada no estrangeiro, lecionou Língua Inglesa, além de Liturgia, a todas as séries de estudantes do Seminário Seráfico de Veranópolis. O caráter itinerante que marcou a vida religiosa de Frei Alberto se modificou a partir de 1971, quando foi incumbido de organizar o Instituto Histórico dos Capuchinhos do RS e compilar a História da Província<sup>7</sup>.

Em 1972, faz uma nova viagem à Europa a fim de pesquisar sobre a Missão dos Capuchinhos no RS nos arquivos da Província de Sabóia (França). Desta vez pode conhecer a pátria mãe pela qual por tanto tempo militou e incentivou o apeço no coração de tantos brasileiros – a Polônia. Sua estada no país durou cerca de um mês e teve como percurso a passagem por diversas cidades. Conheceu desde a região sul aos pés dos Montes Tatras, à região norte, banhada pelo Mar Báltico, a capital Varsóvia e a histórica Cracóvia, entre outras. Momentos em que visitou os conventos capuchinhos e estudou a situação da Igreja Católica no país<sup>8</sup>.

Na cidade vizinha de Cracóvia, Nowa Huta, graças à sua fluência na língua polonesa, teve a oportunidade de concelebrar uma missa na primeira igreja, ainda em construção, da cidade “forjada para servir de cidade operária modelo”, conhecida como “cidade símbolo do comunismo” (ZAMOYSKI, 2010, p. 322). A Polônia vivia neste período no regime comunista e a conclusão da “construção da primeira igreja, Arka Pana (Arca do Senhor), em 1977, demonstrava que o fator religioso assemblado à identidade nacional eram presságios de novos tempos”. A construção de um templo significava, antes de tudo,

uma afronta ao regime político vigente. Os novos tempos consolidaram-se com a eleição de um polonês ao mais alto cargo dentro da hierarquia da Igreja Católica. Em 1978, o polonês Karol Wojtyła é eleito Papa, conhecido como João Paulo II (COSTA, 2018, p. 38-39). Frei Alberto regressou ao Brasil e mudou-se para Caxias do Sul, dessa vez de forma definitiva, a fim de seguir o trabalho no Instituto Histórico<sup>9</sup> dos Capuchinhos do RS. A partir de 1984, também ocupou o cargo de Juiz do Tribunal Eclesiástico de Porto Alegre, funções que exerceu até o fim de sua vida.

Alberto Victor Stawinski, como era também conhecido, desde a juventude dedicou-se a militar em prol da polonidade, motivo pelo qual até hoje é lembrado pela comunidade polonesa do Brasil. Durante sua passagem pela cidade de Camaquã - RS dirigiu um programa religioso em polonês no rádio e em Porto Alegre, por diversas vezes pregou novenas na Igreja de Nossa Senhora de Monte Claro, assim como desenvolveu atividades polônicas em outros locais. Mas foi a partir dos anos de 1970 que intensificou seu trabalho de produção intelectual em prol da polonidade. Somente na década de 1970 publicou três livros sobre a imigração polonesa, além de proferir diversas palestras e organizar encontros<sup>10</sup>.

Seu livro *Primórdios da imigração polonesa no RS*<sup>11</sup> é considerado um clássico sobre a problemática da imigração polonesa no Brasil. A presente obra foi lançada no ano seguinte ao Centenário da Imigração Polonesa no RS (1975). O empenho junto ao comitê do centenário e a publicação do livro renderam a ele a “Medalha de Ouro” pelo governo do Estado por suas contribuições à cultura. Os dois outros livros sobre imigração polonesa, publicados na mesma década, foram - *Josué Bardin: História e religião das colônias polonesas*<sup>12</sup> e a tradução para o português da monografia *Nos Peraus do Rio das Antas*<sup>13</sup>. Dentre suas traduções do polonês para o português há de destacar uma coleção de cantos natalinos (*Kolendy*), os quais mimeografava e distribuía aos interessados. Outra importante tradução do polonês foi o livro *Conheci o bem-aventurado Maximiliano Maria Kolbe*<sup>14</sup>, além de outros textos<sup>15</sup>.

Deixou um legado não só para os brasileiros de origem polonesa, mas inclusive para a história da imigração no RS, como um todo. Amante de diversas manifestações culturais, falava seis línguas estrangeiras (grego, latim, inglês, polonês, italiano e francês), além do vernáculo (português). Como última obra publicada em vida, presenteou com

A atuação dos freis capuchinhos junto às comunidades polonesas do RS promoveu a restituição da identidade do grupo. Suas atuações enquanto lideranças proporcionaram a manutenção da religiosidade e a promoção da polonidade por meio das visitas pastorais e trabalho de reaproximação com a cultura original.

o *Dicionário Vêneto Sul-Riograndense/Português*<sup>16</sup>, pelo qual veio a receber, em 1988, o troféu “Caxias 112” pelos serviços prestados à cultura regional<sup>17</sup>. Lembrado pela Ordem como um frade de “rara fidelidade”, “rígido e exigente na juventude, terno e amável na velhice”, um servo fraterno que anunciou, testemunhou e encarnou o “carisma capuchinho” de forma exemplar. O amor “à Igreja e ao povo polonês marcaram seus princípios de vida” (PAX ET BONUM, 2011, p. 162).

Por meio da análise das trajetórias dos religiosos capuchinhos junto às comunidades polonesas do RS, conclui-se que sua atuação promoveu a restituição da identidade do grupo. Suas atuações enquanto lideranças proporcionaram a manutenção da religiosidade e a promoção da polonidade por meio das visitas pastorais e trabalho de reaproximação com a cultura original, como no caso do Frei Jedlinski, que se empenhou em ensinar música aos imigrantes, ou o trabalho de preservação da memória desempenhado por Frei Wonsowski, e a compilação histórica de Frei Stawinski.

## NOTAS

1 Cf.: DILL, 2003, p. 05.

2 Cf.: SCHILING, [s.d.], p. 13-16.

3 Veio ao Brasil em 1897, para a cidade de Lajeado - RS para prestar atendimento aos imigrantes alemães. Porém, como era um poliglota, lhe foi permitido percorrer as colônias italianas e polonesas a fim de prover atendimento religioso como missionário itinerante. Lutou pelos imigrantes italianos e poloneses, a esses últimos em especial, já que havia estudado dois anos na Polônia. Provavelmente, tenha tido contato, durante esse período, com Frei Honorato Jedlinski, motivo de tê-lo indicado como candidato à missão Capuchinha no RS. (RABUSKE, 1978, p. 93-114; WONSOWSKI, 1976, p. 32).

4 Importante reforma da liturgia da Igreja Católica. Entre as mudanças, em especial as celebrações passaram a ser realizadas na língua vernácula de cada local e não mais em latim. (Encíclica de JOÃO XXIII. Concílio Ecu-  
mênico Vaticano II. Constituição Sacrosanctum Con-  
cilium, sobre a sagrada liturgia. Roma, 1956).

5 Cf.: WONSOWSKI, 1976.

6 Informações obtidas do registro interno de atividades dos frades, Frei Alberto Stawinski. Arquivo da Secretária Provincial dos Capuchinhos do RS. Caxias do Sul: OFM-CAP/RS, [s.d.], FICHA, 01 p.; PAX ET BONUM, 2011, p. 161-162.

7 Informações obtidas da autobiografia. Fundo Frei Alberto Victor Stawinski. Arquivo do Museu dos Capuchinhos (MUSCAP). [s.d.], 03 p.

8 Idem.

9 O Instituto Histórico dos Capuchinhos do RS, por motivações internas, nunca chegou a ser oficializado publicamente.

10 Op. cit.

11 Cf.: STAWINSKI, 1976.

12 Cf.: STAWINSKI, 1981.

13 Cf.: WONSOWSKI, 1976.

14 e 15 Cf.: MŁODOŻENIEC, 1980.

16 e 17 Cf.: STAWINSKI, 1987.

## REFERÊNCIAS

COSTA, Cláudio. Uma representação polônica pela materialidade. Dissertação de Mestrado em História – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Caxias do Sul – UCS. Caxias do Sul; 2018.

DILL, Aidê Campélo. Constituição de 1791 – Uma nova era. Nova Prata: BRASPOL/Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 2003, p. 04-09.

KOZOWSKI, Victor Inácio. Os poloneses da Colônia de Alfredo Chaves/Guaporé. Bento Gonçalves: Ed. do autor, 2006, 283 p.

MARIN, Iraci José. Imigrantes poloneses afundados num mar italiano. Caxias do Sul: Ed. Maneco, 2014, 180 p.

MŁODOŻENIEC, Juventino Maria. Conheci o bem-aventurado Maximiliano Maria Kolbe: o homem que deu a vida pelo próximo. Franciscanos Conventuais: Brasília, 1980, 233 P.

MOLON, Moacir Pedro. Trajetória dos Capuchinhos no Rio Grande do Sul. In: Revista Le Musée. Caxias do Sul: MUSCAP. Ano I; Nº 01, 2014, p. 05-09.

PAX ET BONUM. Celebrar a Vida – Órgão Oficial da Província Sagrado Coração de Jesus - Freis Capuchinhos do Rio Grande do Sul. Ano 59; Nº 204, agosto de 2011, 13ª Ed., REVISTA. 408 p.

RABUSKE, Arthur. Os inícios da colônia italiana do Rio Grande do Sul em escritos de jesuítas alemães. Caxias do Sul/Porto Alegre: UCS/EST, 1978, 126 p.

SCHILING, Voltaire. Polônia: A luta pela liberdade. Cadernos de História; Memorial do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Gráfica do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, [s.d.], 30 p.

STAWINSKI, Alberto Victor. Primórdios da imigração polonesa no Rio Grande do Sul (1875 - 1975). Porto Alegre/Caxias do Sul: EST/UCS, 1976. 256 p.

\_\_\_\_\_. Dicionário Vêneto Sul-Riograndense/Português. Porto Alegre: EST; 1987. 322 p.

STAWINSKI, Alberto Victor; BUSATTA, Félix F. Josué Bardin: História e religião das colônias polonesas. Porto Alegre/Caxias do Sul: EST/UCS, 1981. 112 p.

WEBER, Regina. Agentes e intelectuais étnicos entre os poloneses. In: Tempos Históricos. Vol.19; UFP, 2015, p. 253-273.

\_\_\_\_\_. Líderes, intelectuais e agentes étnicos: significados e interpretações. In: Revista Diálogos. UEM: Maringá. Vol.18; Nº 2, mai/ago, 2014, p. 703-733.

WESOŁOWSKA, Alicja. Polska w oczach geografa (Polônia nos olhos do Geógrafo). Warszawa: Wspólnota Polska, 2012, 28 p.

WONSOWSKI, João Ladislau. Nos Peraus do Rio das Antas. Caxias do Sul/Porto Alegre: EDUCS/EST, 1976, 78 p.

WRÓBEL, Roman. Historia Polski w kilku odsłonach (História da Polônia em várias cenas). Warszawa: Wspólnota Polska, 2012, 32 p.

ZAMOYSKI, Adam. História da Polônia. Lisboa: Edições 70, 2010, 410 p.

# DIALOGARTE

A arte dá voz a história que é contada ao longo dos anos. Ela está presente todos os dias em nossas vidas, por isso, é muito importante falar sobre essa temática. Com o intuito de promover a discussão sobre o assunto com o grande público, o Museu dos Capuchinhos (MusCap) realizou, no dia 11 de julho o “Dialogarte”, uma conversa sobre “Os processos de criação nas diferentes linguagens expostas”, com os artistas Daniela Antunes e Rafael Dambros.

O Dialogarte é um evento que possui marca registrada no MusCap, ele ocorre anualmente e reúne especialistas, artistas, educadores e teóricos para troca de ideias sobre assuntos relacionados a arte. Nesta edição, o diálogo teve como base a exposição dos artistas, *RE-LIGARE*.

## o encontro

O evento iniciou com a fala de Daniela, que destacou a importância de obras realizadas em cerâmica, já que o processo é pouco conhecido no Rio Grande do Sul. Ela ainda contou que sempre adorou trabalhar com a temática do feminino. “Eu percebo que quando trabalho com esse viés, eu me retrato nessas obras. Isso faz parte do meu contexto familiar, faz parte das representações mais fortes da minha vida”, afirmou.

Rafael contou que trabalhar com arte é muito difícil, mas que sua trajetória nessa profissão foi muito bacana. Ele relatou que sempre contou com o apoio da família em todas as suas decisões e, foi devido a esse alicerce que ele descobriu sua identidade como artista. “Eu faço parte desse país que tem tantos problemas, então escolhi, com meu trabalho, mostrar a minha identidade como cidadão do Brasil e fazer alguma coisa para mudar essa situação”, enfatizou.

Os artistas ressaltaram a importância que o MusCap teve para a criação da mostra. Rafael conta que o diretor do museu, Frei Celso Bordignon ajudou muito nas pesquisas sobre a história dos santos utilizados na mostra. Daniela também comenta que eles foram muito bem recebidos pela Instituição. “Nós fomos respeitados como artistas,



eles entenderam o nosso trabalho. Já temos até planos futuros”, afirmou animada.

De acordo com Rafael, é necessário que o público analise as obras com cuidado, pois o artista quer dizer algo com a sua arte. Para ele, a imagem é o principal meio de comunicação dos dias atuais. A participante do Dialogarte, Ana Becerril comenta que ela não entende como os artistas conseguem trazer tantos sentimentos em seus trabalhos. “Eu não sei nem por onde começar, se tivesse que produzir uma escultura ou um desenho. Eu acredito que o artista tem que ser aplaudido de pé, pois a obra não é apenas a beleza que ela contém”, salientou.



# #MusCapEuParticipo APRESENTA VOCAL ALDO LOCATELLI

Em todo o mundo, os museus são fundamentais para a preservação da memória de uma civilização. Mas, muito além de guardar lembranças, os museus são instituições de memória onde todos têm a oportunidade de mostrar a sua arte. E foi pensando nisso que o Museu dos Capuchinhos desenvolveu o projeto #MusCapEuParticipo, com o objetivo de aproximar o público do espaço. No primeiro semestre de 2018, o museu recebeu a apresentação do grupo Vocal Aldo Locatelli, sob regência de Marly Caberlon Zattera.

De acordo com a coordenadora e museóloga do Museu dos Capuchinhos, Raquel Brambilla, grupos ou pessoas que tenham interesse em realizar uma apresentação artística ou cultural, podem entrar em contato com o MusCap para participar da programação anual. Ela ainda ressaltou que é de suma importância que esses espaços sejam disponibilizados à comunidade. “Esses eventos trazem um público diferente para o MusCap, pessoas que nem sabiam da existência do Museu. É um momento de integração. E para a população caxiense, é um espaço cultural a mais para visitar e apreciar”, contou.

## a apresentação

Composto por 22 vozes, o grupo fundado em 2003 trouxe no repertório canções que passeiam pela música sacra, erudita, brasileira e pela música folclórica italiana. Para a secretária do coro, Luciana Mattana Thomé, o grupo quer passar para o público músicas doces, quer fazer com que eles se emocionem. “Cantar é um prazer, eu até diria que é um ato de amor. Quando cantamos é como se tivesse um coro de anjos com a gente”, explicou.

Com 15 anos de formação, foi a primeira vez que o grupo cantou em um museu. Segundo o Coordenador do Vocal Aldo Locatelli, Nélio Enderle, todos ficaram muito felizes com o convite. “Nós mantemos o grupo por causa da nossa amizade, mas quando temos uma oportunidade de mostrarmos o nosso trabalho, vamos com prazer. Para nós, o pagamento de uma apresentação é o aplauso do público”, destacou.

“Nós mantemos o grupo por causa da nossa amizade, mas quando temos uma oportunidade de mostrarmos o nosso trabalho, vamos com prazer. Para nós, o pagamento de uma apresentação é o aplauso do público”

O #MusCapEuParticipo trouxe também no segundo semestre de 2018, a exposição “A to POLSKA własnie” (A POLÔNIA é isso aí), juntamente com uma apresentação do grupo de danças folclóricas Kalina, de Nova Prata (RS).



## PROJETO PRESERVAÇÃO DA COLEÇÃO DE ÁLBUNS FOTOGRAFICOS BUSCA APOIADORES

Os álbuns fotográficos possuem certas peculiaridades. Além de trazer histórias das imagens que nele estão, mostram aspectos das pessoas que o organizaram. Pesquisar em um objeto tão rico em lembranças é ir além do que é mostrado. Foi pensando em conservar a memória que o Museu dos Capuchinhos (MusCap) realizará o projeto Preservação da coleção de Álbuns de Fotografias, resultado do edital aprovado pelo Financiamento da Arte e Cultura Caxiense (Financiarte).

O projeto irá conservar, restaurar, digitalizar e catalogar 37 álbuns fotográficos, totalizando 3.960 fotografias em estado de deterioração. As atividades serão realizadas no Laboratório de Conservação e Restauro do MusCap, sob coordenação do historiador João Mendes Neto. Formado em História pela Universidade de São Paulo e pós-graduado em Fotografia pelo Centro de Comunicação e Artes do SENAC-SP, Neto atua na área de fotografia e preservação desde 2000.



Acima e à esquerda: álbuns que farão parte do projeto de conservação

O acervo fotográfico do Museu dos Capuchinhos é composto por fotografias individuais e álbuns que contam a história, não apenas da Província dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul, mas registram também o desenvolvimento das cidades pelas quais os Freis passaram. De acordo com o diretor do MusCap, Frei Celso Bordignon o primeiro objetivo do projeto é a conservação das fotos, pois com o passar do tempo acelera-se o processo de deterioração das mesmas. "Por isso, é importante que seja realizada essa proposta de conservação. Nossas fotos são documentos do modo de vida, trabalho e missão religiosa dos Capuchinhos, não podem ser perdidas", afirma.

Mas, para que haja a execução do projeto, é necessário a captação de recursos, que já estão sendo buscados junto a apoiadores via renúncia fiscal do Imposto Sobre Serviços de Qualquer Natureza (ISSQN) e do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU). No total, serão necessários R\$59.805,00.

Bordignon ainda salienta que para a realização do projeto, é necessário contar com profissionais que dominem a conservação da fotografia. "É uma grande responsabilidade intervir sobre qualquer tipo de acervo histórico", afirma. Durante o processo, os álbuns serão desmontados e higienizados e, após remontados. As fotografias digitalizadas serão disponibilizadas aos pesquisadores por meio de uma plataforma na internet. Os interessados em ajudar o projeto podem entrar em contato com o MusCap pelo telefone 3220.9565.



**miraceti**  
fotografia & impressão

- Organização física e digital de fotografias históricas;
- Acondicionamento e digitalização de acervo;
- Restauração digital de fotografias danificadas;
- Impressões fineart para exposições;
- Fotografia de acervo para catálogos;
- Fotos arquitetônicas de patrimônios históricos;
- Capacitação de equipe em conservação fotográfica;

**SOLUÇÃO EM IMAGENS PARA  
MUSEUS E INSTITUIÇÕES CULTURAIS**



site: [www.miraceti.com.br/museus](http://www.miraceti.com.br/museus)

email: [contato@miraceti.com.br](mailto:contato@miraceti.com.br) tel.: 54 3282-0815 cel.: 54 9 8401-4942

# MUSCAP REALIZA PROJETO DE HISTÓRIA ORAL DO BAIRRO RIO BRANCO



Acima: Entrevista com Terezinha de Jesus Flores, moradora do bairro Rio Branco.

Abaixo: Estudantes do curso de história conhecem as instalações do MusCap.

O Museu dos Capuchinhos, em parceria com o curso de graduação em História da Universidade de Caxias do Sul, iniciou no 1º semestre de 2018, o projeto História Oral do bairro Rio Branco, sob a temática do protagonismo das mulheres na trajetória da comunidade. Os trabalhos foram conduzidos pelos estudantes Alceu do Nascimento, Maiara Oliveira da Silva e Melissa de Lucena, orientados pela professora Dr<sup>a</sup> Luiza Horn Iotti.

O projeto, fruto do estágio curricular do curso de História, consistiu em realizar entrevistas com as moradoras do bairro Rio Branco, local onde o MusCap está inserido e registrar, por meio do audiovisual, as memórias das mulheres sobre a história local. Para o historiador e organizador do projeto, Lucas Troglio, participar dessa pesquisa é muito gratificante. “Como egresso do curso, eu sei como é importante sair a campo, colher depoimentos, é um conhecimento além da sala de aula”, afirmou. Ele ainda destacou que o projeto dá voz as pessoas que sempre ficaram ocultas pela história tradicional.

Para a professora Luiza, é necessário que os estudantes entrem em contato com espaços de memórias, eles precisam de subsídios. “É muito importante que eles possam ter um aprendizado prático, não só o da sala de aula. Os acadêmicos precisam estar aonde os historiadores estão. Além disso, nós agradecemos o Museu dos Capuchinhos por nos abrir essa porta do conhecimento”, afirmou.

O estudante Alceu do Nascimento da Silva conta que para ele, realizar o projeto foi uma experiência única. “Ao longo do tempo, pouco se usou a história oral. Por isso, esse trabalho nos abre espaço para ter acesso a memórias que ficaram esquecidas, trazendo a voz dos pequenos também”, salientou.

As entrevistas estão disponíveis no acervo do MusCap para pesquisa. Os interessados devem entrar em contato com o museu pelo telefone (54) 3220.9565 ou pelo e-mail [arquivo@muscap.org.br](mailto:arquivo@muscap.org.br).

## MUSCAP PARTICIPA DA PROGRAMAÇÃO CULTURAL DA 16ª SEMANA NACIONAL DOS MUSEUS

Celebrado em 18 de maio, o Dia Internacional de Museus busca sensibilizar o público, a cada ano, sobre a importância que esses espaços têm junto à comunidade. Para comemorar essa data, o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) promoveu, de 14 a 20 de maio a 16ª Semana Nacional de Museus, uma temporada repleta de atividades culturais. E, em Caxias do Sul, não foi diferente. As Instituições Museológicas da cidade se reuniram, juntamente com as escolas públicas e privadas, no desenvolvimento de um projeto baseado na temática: Caxias do Sul, Lugares de Memória e conexões possíveis.

O Museu dos Capuchinhos (MusCap) trabalhou em conjunto com as escolas EEEM Irmão José Otão e EMEF Sete de Setembro. O objetivo do trabalho consistiu em promover a conexão entre os patrimônios museais, os escolares e os comunitários, foi proposto aos colégios que desenvolvessem um espaço de memória contando a história da Instituição. O projeto resultou em uma exposição com cartazes, entrevistas, maquetes, fotos antigas e até maquinários, há muito tempo esquecidos na escola, que ficou aberta ao público de 14 a 30 de maio na Sala de Exposições do MusCap.

### *desenvolvimento dos trabalhos*

Durante a realização do projeto, os alunos de ambas as escolas visitaram o Museu dos Capuchinhos e participaram de uma oficina de conservação de objetos. Após a oficina, os estudantes colocaram em prática os conhecimentos vistos no MusCap. A professora de história Deise Gomes se surpreendeu com a criatividade dos jovens. “Para nós, esse projeto ainda não acabou. Temos muitos objetos antigos que contam a história da instituição. Assim, vamos montar o nosso próprio espaço com as memórias da escola”, contou animada. O estudante Gustavo Nunes de Lima gostou de participar da atividade. “Eu descobri diversos fatos sobre o colégio que não conhecia. Antigamente eles ensinavam agricultura e comércio, o que hoje não acontece mais”, relatou.

A programação da 16ª Semana Nacional de Museus foi organizada de forma conjunta entre o MusCap, a Divisão de Museus da Secretaria Municipal da Cultura de Caxias do Sul, Instituto Memória Histórica e Cultural – IMHC-UCS, Instituto Bruno Segalla – IBS, Instituto Hércules Galló – IHG, Memorial Gazola – Museu da Metalurgia de Caxias do Sul, Centro de Memória da Câmara de Vereadores e Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.)



Entrega do banner do MusCap aos integrantes da Escola Estadual Ensino Médio Irmão José Otão

A 16ª Semana Nacional de Museus encerrou-se no dia 18 de maio, na Biblioteca Parque Largo da Estação Férrea, com a exposição de 18 banners perfilados que contam um pouco da história do projeto “Caxias do Sul: lugares de memórias e conexões possíveis”, realizado com as escolas de Caxias do Sul. A solenidade também contou com a apresentação do grupo Vocal Sem Batuta e a palestra da historiadora Maria Beatriz Pinheiro Machado sobre os desafios da educação e a importância da preservação da memória individual e coletiva. O projeto “Caxias do Sul: lugares de memórias e conexões possíveis” envolveu a participação de mais de 1,5 mil estudantes de Caxias do Sul. Além disso, a ação aproximou a comunidade escolar dos espaços museológicos.

## 12ª PRIMAVERA DOS MUSEUS REÚNE INSTITUIÇÕES DE MEMÓRIA EM CAXIAS DO SUL

A Primavera dos Museus ocorre anualmente no Brasil inteiro, onde cada cidade realiza uma série de atividades comemorativas. Em 2018, o evento trouxe a temática “Celebrando a Educação em Museus”, com uma programação que ocorreu no mês de setembro e que enalteceu a educação patrimonial por meio da história, cultura e arte.

Em Caxias do Sul, uma das atividades alusivas a 12ª Primavera dos Museus ocorreu no Bloco H da Universidade de Caxias do Sul (UCS), sob o tema “Encontro de Experiências: Diálogos entre Escolas e Museus”, onde foram apresentados os trabalhos e ações desenvolvidas durante a 16ª Semana de Museus. O MusCap participou da ação, juntamente com as escolas EEEM Irmão José Otão e EMEF Sete de Setembro.

No evento, diretores e professores relataram como foi o processo e resultados dos trabalhos desenvolvidos, cujo objetivo era produzir um espaço de memória contando a história da Instituição.

Por meio da realização do projeto, a escola EEEM Irmão José Otão organizou na instituição, um memorial que conta com diversos objetos e fotografias antigas que retratam a história do colégio. Além disso, os estudantes ainda participaram de bate-papo com pessoas que fizeram parte da comunidade escolar.

Para a professora de história Deise Gomes, o projeto foi um sucesso. “Os alunos se empenharam muito para que o nosso espaço de memória saísse do papel. Agora, organizando todo o material que conseguimos, o museu ficou até pequeno”, contou animada.

Já a escola EMEF Sete de Setembro montou uma linha do tempo com a história da Instituição, por meio de fotografias. A professora de história, Rosana Cardoso Vieira, conta que a proposta dos alunos foi estudar a própria história e não a dos outros. “Os estudantes realizaram inúmeras descobertas. É um orgulho ver o envolvimento deles com o trabalho, o quanto ele foi importante para que eles se sentissem pertencentes a esse ambiente”, destacou.

Acima: Professora de história da escola EEEM Irmão José Otão, Deise Gomes apresentando os resultados do projeto.

Abaixo: Professora de História da EMEF Sete de Setembro apresentando os resultados do projeto.





## OFICINA DE PAPEL ARTESANAL E MARMORIZAÇÃO

por Frei Celso Bordignon

O Museu dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul e o Atelier São Lucas realizaram uma oficina de Papel Artesanal e Marmorização de Papéis nos dias 22, 23 e 24 de janeiro de 2018, com duração total de 20 horas. O ministrante da oficina foi frei Celso Bordignon e contou com a assistência de Cláudio da Costa.

O conteúdo ministrado tratou da confecção de papel artesanal reciclado com o uso de fibras vegetais e celulose bem como o tingimento da polpa com corantes naturais e industrializados. Foram realizadas técnicas de inserção de imagens e flocagem utilizando diferentes tipos de polpas. Também foram experimentadas pelos participantes da oficina as principais técnicas de marmorização em diferentes tipos de papéis.



Participantes da oficina (acima) e técnica de inserção de imagem (abaixo).



ANTES & DEPOIS



## CONSERVAÇÃO E RESTAURO DE ARTE SACRA

Dr. Celso Bordignon  
ABRACOR 943

saolucas.atelier@gmail.com

54 3220 9585

54 9 9656 2278



Atelier  
São Lucas

R. Gen. Mallet, 33A | Caxias do Sul / RS

# PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA

Uma história não fica guardada apenas em páginas de livros, frames de filmes ou na lembrança das pessoas. Por isso, preservar a memória não é apenas conservar o passado, mas sim, construir o presente e planejar o futuro. Detalhes, como os das fotografias, muitas vezes, passam despercebidos, mas contam, por si só, trajetórias inteiras, guardando segredos e significados muito particulares.

Pensando na importância que as imagens carregam, o Museu dos Capuchinhos (MusCap) apoiou, por meio do projeto aprovado via Fundo de Apoio à Cultura, Pró-cultura RS, a Oficina de Conservação de Fotografias Históricas e Álbuns Fotográficos, promovida pelo historiador João Mendes Neto. Formado em História pela Universidade de São Paulo e pós-graduado em Fotografia pelo Centro de Comunicação e Artes do SENAC-SP, Neto atua na área de fotografia e preservação desde 2000, quando foi coordenador das áreas de Arte & Tecnologia da Fundação Telefônica, incluindo o Núcleo de Memória Telefônica. A atividade que ocorreu de 12 a 14 de março, contou com a presença de aproximadamente 20 pessoas representando diversas instituições do Rio Grande do Sul.



A oficina foi dividida em dois momentos: teoria e prática. Durante a parte teórica, foram abordados aspectos históricos da fotografia, seus processos e materiais. Além disso, foram explicados os princípios de conservação fotográfica, seus principais fatores de deterioração e orientação sobre materiais de guarda e ambientação do acervo. Já na prática, os participantes realizaram procedimentos de conservação e pequenos reparos com materiais de qualidade museológica. Também efetuaram a higienização, desmontagem e reestruturação de álbuns fotográficos.

De acordo com Neto, independentemente do tipo documental do acervo, as fotografias revelam de modo fiel os costumes, modo de vida e paisagens de uma época. “As imagens são documentos históricos que podem servir de instrumentos de pesquisa e que contam de maneira visual a nossa história”, afirmou.

Para a assistente técnica do Museu das Missões, Aline Duro Ávila, a oficina lhe proporcionou uma experiência altamente enriquecedora. “A aquisição de conhecimentos com profissionais que realmente dominam o assunto nos transmite mais segurança para o desenvolvimento das atividades. Além disso, nos dá maior consciência dos limites de atuação, inclusive, quanto à necessidade de intervenção de um profissional especializado”, contou. Para ela, as realizações das diversas atividades práticas durante o encontro provocaram grande envolvimento dos participantes e estimularam grandemente a troca de conhecimentos.

Neto ainda destacou a importância do cuidado com as fotografias. Para ele, a umidade e a luz são os principais fatores de deterioração das imagens. “É importante sempre mantê-los em local seco, que não sofra mudanças bruscas de temperatura e longe da luz solar. Os materiais, como envelopes e caixas, devem ter Ph neutro, pois a acidez do papel acelera o processo de deterioração. E por fim, sempre manipular as fotografias pelas bordas e com luva de algodão”, explicou.

# ENCONTRO DE FORMAÇÃO

Por Frei Celso Bordignon

Aconteceu de 15 a 17 de junho de 2018, no Convento São Sebastião do Rio de Janeiro o VII encontro da Comissão de Patrimônio e Bens Culturais dos Capuchinhos do Brasil.

Participaram do encontro os freis: Ulisses e Liomar (Prov. Bahia e Sergipe), Caetano (Prov. São Paulo), Rubens (Prov. Brasil central), Joacy (Prov. Maranhão-Pará e Amapá), Glaicon, Adilson e a senhora Marli, bibliotecária (Prov. Minas Gerais) e os anfitriões Arles e Luis Carlos (Prov. Rio de Janeiro e Espírito Santo).

No primeiro dia pela manhã Frei Roger Brunorio, OFM, falou da dimensão pastoral dos museus, como instrumentos de evangelização. Discorreu também sobre o potencial e desafios dos museus religiosos, apresentando alguns conceitos acerca da museologia e a presença do sagrado no museu. Em seguida fez um questionamento aos presentes: “os museus produzem conhecimento ou só exibem objetos antigos?” Apresentou um levantamento dos museus de arte sacra no Brasil, mediante duas fontes: internet (22 museus) e IPHAN (70 museus), sendo que na região norte aparecem 3; nordeste, 15 (museus da Bahia-Sergipe e Maranhão-Pará e Amapá); no centro oeste, 3; e no sul apenas dois, sendo que um é o Museu da Província dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul. Ele sugeriu que os nossos espaços fossem mais explorados, deixando apenas de serem “depósitos de memória”. Para isso, apresentou algumas sugestões, de como se fazer parcerias, obter recursos, preparar plano de evangelização e plano museológico.

À tarde, o momento de formação contou com a Dra. Ana Virginia Pinheiro, historiadora, professora do curso de Biblioteconomia da UFRJ e atualmente membro da junta de bibliotecários da Biblioteca Nacional. Ela abordou a questão das políticas de preservação de acervos especiais. Apresentou exemplos de tipos de papel com que se fazem os livros, tipologias que variam desde o século XV ao XVII e até a atualidade. Falou de como deveria se proceder na restauração de livros antigos, usando o exemplo fornecido por Frei Cel-



so Bordignon (Prov. Rio Grande do Sul): A Summa angélica, de autoria de Angelo de Chivasso, do século XV. Este livro faz parte do acervo dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul.

Dra Ana ainda falou dos tipos de bibliotecas, dando enfoque à biblioteca eclesiástica, que é dividida em: capitular ou catedralícia, diocesana ou episcopal (própria do bispo), acadêmica (própria das faculdades católicas), monástica e/ou conventual, paroquial (vinculada ao arquivo), institutos seculares e pias irmandades e ainda as bibliotecas particulares (de algum padre, freira, leigo, etc.).

A assessora abordou teorias e práticas de preservação, falando do sistema híbrido adotado pela biblioteca nacional (digitalização, edição fac-símile e microfilmagem). Depois de alguns outros exemplos mostrados, seguiu-se uma partilha sobre o atual estado das bibliotecas dos Capuchinhos no Brasil, muitas vezes encerradas nos conventos, sem o devido cuidado.

No dia 16, sábado, segundo dia do encontro da Comissão, foi reservado para os participantes conhecerem algumas belezas arquitetônicas e culturais do Rio de Janeiro. Às 07h30min, o grupo saiu sob a guia de Frei Edi Carlos. O primeiro ponto turístico a ser visitado foi a estatua do Cristo Redentor, localizada no alto do Corcovado. Os participantes seguiram ao Centro da cidade, para conhecerem a Catedral Metropolitana de São Sebastião e em seguida o Museu de Arte Sacra. Depois seguiram para a famosa Igreja da Candelária, no centro da capital. A tarde o grupo visitou o Museu do Amanhã e o Mosteiro de São Bento, da Ordem Beneditina.

O encerramento do encontro aconteceu dia 17 pela manhã com uma visita guiada à Igreja de São Sebastião e com celebração da Eucaristia.

  
POUSADA DOS  
CAPUCHINHOS



**Endereço**

Rua do Seminário, 290  
Vila Flores, RS

**On-line**

**Facebook:**

@Pousadacapuchinhos

**Instagram:**

@pousadadoscapuchinhos

**Site:**

[www.pousadascapuchinhos.com.br/vilaflores](http://www.pousadascapuchinhos.com.br/vilaflores)

**Reservas**

54.3447.4700

[pousada@alsb.org.br](mailto:pousada@alsb.org.br)



ESTAÇÃO TERMAL  
DOS CAPUCHINHOS

*Experimente momentos de paz e harmonia.*

Vila Flores . Serra Gaúcha

# RESPIRE E SINTA-SE EM CASA!

VIAJAR É SENTIR  
TODA A EXPERIÊNCIA  
(ATÉ NA HORA DE DORMIR)

Na Pousada São Lourenço você encontra um lugar perto de tudo, para quem gosta da cidade grande, mas longe do tumulto e preza por tranquilidade e contato com a natureza.

guia booking.com  
**FANTÁSTICO**

**NOTA**  
**9.3**



No centro de  
Porto Alegre



Melhor  
custo-benefício



Funcionários  
atenciosos



Até 5 camas  
de solteiro



Lugares  
aconchegantes



Horta  
orgânica



Café da manhã com  
alimentos da nossa horta



CAPUCHINHOS.POA  
POUSADA  
SÃO LOURENÇO

Rua Paulino Chaves, 291 | Porto Alegre -RS  
51 3223-2800 | [www.capuchinhos.poa.br](http://www.capuchinhos.poa.br)